

Colo... Montanh...
PINGO DE LÁZAR



OS MONTANHEIROS
SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA

ILHA TERCEIRA - AÇORES

NÚMERO 31

BOLETIM INFORMATIVO

MARÇO 1995



Resgate de esqueleto humano na ilha do Pico (no Algar do Cabeço do Bravo)

SUMÁRIO:

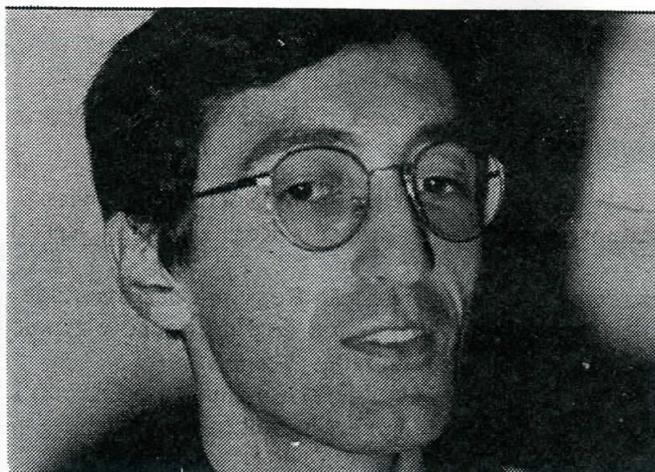
AMBIENTE (Estado de conservação das grutas e algares dos Açores) - **ESPELEOLOGIA** (Reportagem) - **IN MEMORIAM** - **ACTIVIDADES/1995** - **NOVOS CORPOS GERENTES** - **FRAGMENTOS** - **GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES** (Algar do Cabeço do Bravo) - **TRABALHOS DE CAMPO** - **ARQUEOLOGIA** (Reportagem) - **FRAGMENTOS** - **ALGAR DO CARVÃO** (Bemfeitorias) - **BIBLIOGRAFIA** ("Viagens Geológicas aos Açores") - **RECORTES DO ALBUM** - **ÚLTIMO PINGO.**

AMBIENTE

O artigo que segue é um resumo de palestras efectuadas pelo autor no Campus da Terceira da Universidade dos Açores e na Sociedade de Exploração Espeleológica "OS MONTANHEIROS", em Dezembro de 1994

ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES

Paulo A. V. Borges
Universidade dos Açores,
Departamento de Ciências Agrárias,
Terra-Chã.
9700 Angra do Heroísmo.
Terceira, Açores, Portugal.



Abstract. The conservation status of the diverse vulcanospeleological patrimony of the Azores is the main subject of this paper. The lava tubes and volcanic pits from the Azores are being exposed to several types of disturbance, some of them with destructive effects. Unique geological structures and some cavernicolous endemic arthropods are enough justification to establish severe measures of conservation for such patrimony. This work focuses on the types of disturbance over the Azorean volcanic cavities and their fauna and possible ways of conservation. The main types of disturbance are: deforestation, pasture management, "cattle graveyard effect", touristic activities, water management and industrial and domestic waste.

1. INTRODUÇÃO

O diversificado património vulcanoespeleológico dos Açores, tão rico e a maior parte dele ainda por identificar, é o principal assunto deste artigo.

Até o mais pequeno ilhéu do arquipélago é um potencial local para se encontrar uma gruta. Como exemplos, temos a gruta Brisa Azul, no ilhéu das Cabras (próximo de Angra do Heroísmo), e a gruta do Romeiro, no ilhéu de S. Lourenço (em Santa Maria).

Nos tempos recentes, tem-se verificado um incremento do interesse, entre as pessoas em geral e os políticos em particular, pelos aspectos relativos à conservação do património natural. A recente publicação de bibliografia acerca das grutas e algares dos Açores (ver Borges e outros, 1992, 1993, 1994; Constância e outros, 1994) oferece-nos uma excelente oportunidade para desenvolver estratégias de conservação e de educação ambiental. Esta aproximação ambientalista deverá ser complementada por conselhos científicos, em ordem a fortalecer potenciais medidas de conservação.

As grutas e algares vulcânicos dos Açores foram expostos a vários tipos de danos, alguns deles com efeitos destrutivos. Estruturas geológicas únicas e alguns artrópodes cavernícolas endémicos são o suficiente para se estabelecerem severas medidas de conservação para tal património.

Este trabalho foca os tipos de anomalias nas cavidades vulcânicas açoreanas e sua fauna, e possíveis maneiras de conservação.

2. OS AÇORES E A SUA ORIGEM GEOLOGICA

Todas as ilhas açoreanas são de origem vulcânica e, por isso, tubos de lava e algares vulcânicos são comuns, principalmente nas ilhas mais jovens, ou nas partes mais recentes das ilhas mais antigas. Exemplos de recente vulcanismo são comuns na maioria das ilhas. Erupções históricas, com as suas marcantes correntes lávicas e grutas são de grande importância em termos da diversidade de estruturas geológicas e respectiva fauna. As grutas e fauna da actualidade são o resultado de muitos acontecimentos que ocorreram durante os últimos 8 milhões de anos.

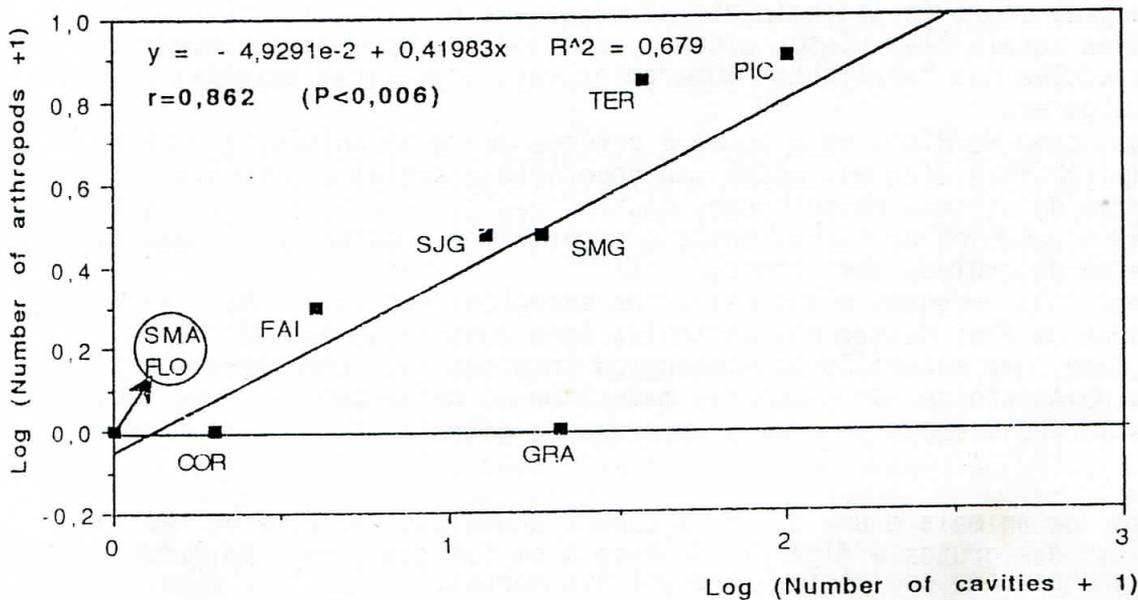
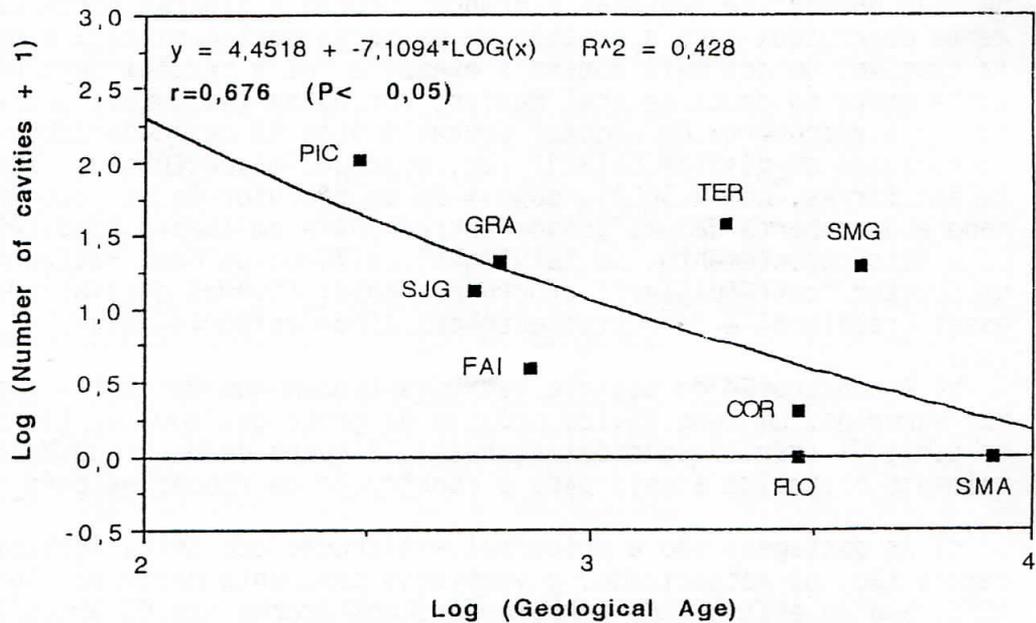
Como consequência, há a considerar os seguintes números:

Island and No.	Main Name	Other Names	Location	Length/ Depth (m)	Height (m)	Width (m)	Elev. (m)	UTM	Map	Fauna
1. Corvo Lava Tubes										
1	Gruta do Corvo		?	?	?	?	?	?		
2. Flores	No Caves Known									
3. Faial Lava Tubes										
1	Furna das Anelares	Lombega	Lombega	35.5	0.7-4.0	1.4-2.5	80	3482/42663	Mont	yes
2	Gruta do Cabeço do Canto	Concheiros	Cabeço do Canto	21.4	0.3-5.10	0.5-7.5	346	3420/42740	Mont	yes
3	G. do Parque do Capelo		Parque do Capelo	55.3	0.35-1.50	0.4-3.40	300	3452/42727		
Pits										
4	Furna Ruim		Cabeço Verde	-55		20.6-73.1	565	3467/42722	Mont	yes
4. Pico Lava Tubes										
1	Furna da Areia	F. do J. Maria	Caminho do cais Mourato	?	?	?	?	?		
2	F. da Laje	F. da Ti' Adelina, F. do Ranheta	Lajido	?	?	?	10	3755/42688		
3	F. da Miragaia	F. do Chico	Miragaia do Norte	50	?	?	140	3720/42661		
4	F. das Casas		Lugar das Casas	?	?	?	20	3709/42685		
5	F. do Carregador	Algar do Barrela; F. dos Algares	Algares	20	2	?-6.0	330	3716/42641		
6	F. do Frei Matias		Estrada Nova (Longit.)	666	?-7.2	?-14.2	680	3735/42609	Mont	
7	F. do Henrique Maciel	F. do Estácio	Santo António	812>??	?-4.5	?-4.0	140	3825/42649	c	yes
8	F. do Poço Novo	D. do Germano; F. do Calote	Poço Novo (Near the seaside)	?	?	?	?	?		
9	F. do Poço Velho		Canada do Poço Velho	?	?	?	?	?		
10	F. do Tancaim	F. do Tanquinho, F. do Ranheta	Tambor (Mistério de St Luzia)	?	?	?	275	3731/42655		
11	F. dos Bodes		Cabeço-Chão	?	?	?	?	?		
12	F. dos Caldeirões		Canada dos Caldeirões, Bandeiras	?	?	?	110	3721/42668		
13	F. dos Mendonças		Canada da Travessa	?	?	?	?	?		
14	F. dos Montanheiros		Curral Queimado, Brejos	741	0.45-6.79	0.40-8.59	785	3831/42610	Mont	yes
15	F. D'Água	Bandeiras I, Bandeiras II F. dos Faustinos	Bandeiras (Mistério de St Luzia)	250+100	?-2.0	?-5.0	100	3738/42670		
16	F. Manuel José Lima		Santo António, Miragaia	52	0.5-5.0	?-6.0	140	3773/42670	a	
17	F. Nova I		Farrobo (Mistério de St Luzia)	270	0.75-4.0	1-2.50	230	3741/42658	Sketch	
18	F. Nova II		Farrobo (Mistério de St Luzia)	?	?	?	210	3741/42659		
19	Gruta da Barca		Estrada Marginal, Barca	?	?	?	0	3675/42670		

Island and No.	Main Name	Other Names	Location	Length/ Depth (m)	Height (m)	Width (m)	Elev. (m)	UTM	Map	Fauna
4. Pico (cont)										
Lava Tubes										
20	G. da Capucha	Agostinha; João Serafim	Canada da Capucha, Bandeiras	310.78	0.43-5.10	1.8-10.95	75	3730/42675	Mont	yes
21	G. das Torres		Cabeço Bravo, Creação Velha	3,350	0.50-15.0	1.1-22.0	300	3681/42618	Mont	yes
22	G. do Capitão-Mor		Cais do Pico	300	?	?	30	3850/42649	c	
23	G. do Galeão I		Panha do Galeão, S. Caetano	255.9/-7.0	3.0-16.0	2.0-10.0	100	3749/42545	Mont	
24	G. do Galeão II		P. do Galeão (Ringue)	50	0.4-1.1	0.41-1.25	60	3748/42541	Sketch	
25	G. do Ruivo		Carregador	70	?	?	?	?		
26	G. do Soldão	Malha; Soldado; Moira; Terra Tapada	Mistério da Silveira	1,150	0.40-5.96	0.43-5.39	10	3868/42526	Mont	yes
27	G. dos Arcos		Arcos (Mistério de St Luzia)	216.5	0.30-2.10	1.0-1.60	50	3778/42686	Sketch	yes
28	G. dos Esqueletos		Igreja de St Luzia	91	0.80-1.60	1.0-2.10	130	3780/42674	Sketch	yes
Pits										
29	Algar da Furna Abrigo		Pico do Pico	-39		10.0-13.0	1,200	3750/42598	a	
30	A. do Alto do Moraes		Canada do Mato (Frei Matias)	65/-10		12.0-30.0	1,015	3755/42605	a	
31	A. do Cabeço Bravo		Cabeço Bravo (Creação Velha)	323/-28.5	4.5-9.0	1.8-15.0	400	3698/42611	Sketch	
32	A. do Cabeço da Negra		Campo Raso, Candelária	?/-15.0	?	?	75	3695/42562		
33	A. do Capitão	Tambor III	Tambor (Mistério de St Luzia)	?/-5.5	?	?	200	3731/42658	c	
34	A. do Lanchão	A. do Cadete; A. do Ti Alfredo	Bandeiras (Mistério de St Luzia)	40.5/-5.5	0.40-5.0	0.50-2.0	110	3721/42667	Sketch	
35	A. do Tambor	Cratera do Cabeço	Tambor (Mistério de St Luzia)	97.4/-31.5	1.0-3.5	1.20-7.40	244	3733/42657	Sketch	
36	A. do Vale da Nogueira		Vale da Nogueira	?	?	?	?	?		
5. Graciosa										
Lava Tubes										
1	Furna da Labarda		?	7.4	?	?-4.40	?	?		
2	F. da Maria Encantada	F. do Castelo	Cume da Caldeira	56.5	?-2.80	2.5-5.7	200	4151/43207		
3	F. do Anel		?	50.4	?	?-3.50	?	?		
4	F. do Canto		?	11.3	?	?-10.80	?	?		
5	F. do Cardo		?	15	?	?-2.20	?	?		
6	F. do Gato		?	11.0	?	?-6.60	?	?		
7	F. do Linheiro		?	8.2	?	?-10.0	?	?		
8	F. do Luís		?	12	?	?-9.0	?	?		
9	F. do Manuel de Ávila		?	14.7	?	?-8.10	?	?		
10	F. do Queimado		?	12.5	?	?	?	?		
11	F. dos Bolos		?	8	?	?-6.50	?	?		
12	F. D'Água		?	10.5	?	?	260	4148/43211		
13	F. Ferrada		?	3.4	?-6.20	?-8.10	?	?		
14	Galeria do Forninho		Luz	96	0.80-3.5	?-7.30	?	?		
15	Gruta da Canada das Furnas	Furna do Roque	Canada das Furnas	83	1.9-6.5	3.4-6.10	125	4148/43208		
16	G. do Bom Jesus		Bom Jesus	16	0.55-2.10	2.25-8.0	50	4115/43255	Mont	
17	Furna do Enxofre		Caldeira da Graciosa	-42		100	137	4159/43199	Ogawa	
6. São Jorge										
Lava Tubes										
1	Furna das Pombas	G. do Cais da Urzelina	Urzelina	?	?	?	0	4029/42782		
2	F. do Poio	F. da Lagos de St Cristo	Fajã de St Cristo	?	?	?	25	4189/42758		
3	F. do Pombal	Mina D'Água	Pombal, Fenos, Manadas	?	?	?	510	4048/42769		
4	Gruta da Beira		Beira	183	2.50-10.0	2.50-15.0	275	3952/42839	Mont	yes
5	G. da Granja		Velas	?	?	?	?	3958/42817		
6	G. da Lomba do Gato		Gueimada, Velas	?	?	?	250	3967/42816		
7	G. do Leão		Preso do Leão, Velas	177	0.5-6	0.8-3	250	3964/42818	Mont	
Pits										
8	Algar das Bocas do Fogo	Bocas de St Amaro	Lixeira de St Amaro	55.3/-12.0		30.0-50.0	521	3982/42817	Mont	yes
9	A. do Montoso		Pico do Carvão	269/-137.5	9.0-50.0	9.0-70.0	784	4048/42791	Mont	
10	A. do Pico da Maria Pires		Pico da Maria Pires	?	?	?	663	4000/42814		
11	A. do Pico dos Suspiros I		Pico dos Suspiros	?	?	?	920	4049/42792		
12	A. do Pico dos Suspiros II		Pico dos Suspiros	?	?	?	920	4049/42792		
7. Terceira										
Lava Tubes										
1	Forna de St Maria		Cabrito, Porto Judeu	320	?	?	450	4841/42852		
2	F. do Cabrito		Cabrito, Porto Judeu	200	?	?	400	4841/42849		
3	F. D'Água		Cabrito, Porto Judeu	250	?	?	450	4843/42845		
4	Galeria da Ribeira Seca		Ribeira Seca	60	?	?	175	4918/42813		
5	Galeria Queimada	Cafua Velha	Biscoitos, Pau Velho	639.9>??	0.3-2.5	0.26-10.9	473	4768/42895	Mont	
6	Gruta Branca Opala		Biscoitos, Pau Velho	87.3	0.9-3.1	1.1-2.8	280	4781/42923		
7	G. da Achada		Biscoito das Fontinhas	169	0.25-2.40	1.5-4.0	310	4868/42870		
8	G. da Madre de Deus		Porto Martins	244	0.5-10.8	0.5-21.0	210	4940/42816	Mont	yes
9	G. das Agulhas	G. da Salga	Porto Judeu	250.5	0.5-5.4	1.2-4.5	5	4909/42775	Mont	yes
10	G. das Feiticeiras		Outeiro do Bogango	?	?	?	600	4724/42854		
11	G. das Mercês		Canada dos Marcos, Feteira	69	0.60-2.70	1.2-1.7	135	4869/42784		
12	G. de Santo António		Porto Martins	302.1	0.35-9.40	0.6-18.0	220	4936/42818		
13	G. do Caldeira		Biscoitos, Pau Velho	148	0.40-2.60	1.1-5.6	260	4774/42911		yes
14	G. do Camelo		Cabrito, Porto Judeu	255.87	0.30-3.80	1.7-11.3	465	4841/42850	Mont	
15	G. do Chocolate		Biscoitos, Pau Velho	109.7	0.50-6.20	0.4-3.6	250	4781/42924	Mont	yes
16	G. do Coelho		Lagoa do Negro	186.7??	1.0-2.1	1.2-3.5	540	4764/42879		
17	G. do Natal	Galerias Negras; G. do Cavalo	Lagoda do Negro	389	0.50-7.0	0.8-12.0	540	4766/42878	b	
18	G. do Pau Velho	G. dos Principiantes	Biscoitos, Pau Velho	245.5	1.0-4.0	0.4-12.0	350	4778/42908	b	
19	G. do Zé Grande		Serretinha	31.61	0.40-2.10	1.9-3.8	125	4867/42781	Mont	
20	G. dos Balcões		Biscoitos, Pau Velho	2,713	0.30-6.0	0.25-7.0	390	4778/42906	b	yes
Pits										
21	Algar do Carvão		Algar do Carvão, Porto Judeu	120/-90	1.6-4.0	2.10-20.0	629	4810/42865	Mont	yes

Island and No.	Main Name	Other Names	Location	Length/ Depth (m)	Height (m)	Width (m)	Elev. (m)	UTM	Map	Fauna
22	A. do Funil		Biscoitos	.22		11.0-20.0	500	4778/42879		
23	A. do Mistério		Biscoitos	151/-12	0.50-2.10	0.5-2.4	545	4763/42877		
24	A. do Negro		Lagoa do Negro, Biscoitos	16/-5.5		16	540	4762/42876		
25	A. do Pico das Dez		Pico das Dez, St Barbara	60/-20	0.30-3.50	1.0-4.5	350	4698/42849		
26	A. do Pico Gaspar		P. Gaspar, Lagoa do Negro, Bis	8.5/-18		2.35	540	4764/42873	Sketch	
8. São Miguel	Lava Tubes									
1	Gruta da Canada da Giesta		Pico da Pedra, Ribeira Grande	?	?	?	145	6228/41831		
2	G. da Quinta-Irene		Ribeirinha, Ribeira Grande	30	?	?-20.0	105	6329/41879		
3	G. da Rua do Carvão	Algar da Rua de Lisboa	Domingos Rebelo, P. Delgada	694.9	0.3-5.1	1.0-12.7	38	6159/41779	d	
4	G. da Rua do Paim	Algar da Rua do Paim; G. da Fábrica de Tabaco	Rua do Paim, P. Delgada	285.4	0.5-5.1	1.2-10.5	71	6158/41785	d	
5	G. das Arribanas		Arrifes, Serra Gorda	?	?	?	275	6153/41828		
6	G. das Escadinhas		Ribeirinha, Ribeira Grande	31.2	0.44-1.6	0.75-5.1	140	6331/41868	d	
7	Gruta de Água de Pau		Água de Pau	323.1	0.2-2.6	0.8-6.6	2	6295/41752	d	yes
8	G. do Esqueleto		Lagoa do Fogo, R. Grande	188.2	0.3-9.5	1-12.5	250	6311/41843	d	yes
9	G. do Pico da Cruz	Furno do Pico da Cruz	Pico da Cruz, Pico da Pedra	98.5	0.6-2.9	0.85-5.4	273	6217/41830	d	yes
10	G. do Pico do Enforcado		Capelas, Ponta Delgada	184.8	0.45-3.20	0.7-6.0	245	6160/41868	d	yes
	Pits									
11	Algar da Batalha	Gruta da Batalha	Fajã de Cima, Ponta Delgada	51.9/-9.5	0.4-3.3	0.5-5.7	240	6198/41837	d	
12	A. da Merda	Gruta da Ribeirinha	Ribeirinha, Ribeira Grande	54.5/-5	0.9-2.5	?-3.7	150	6331/41870	d	
13	A. do Pico Queimado		Pico Queimado/Pico do Sapateiro	10/-37.3	12	1.6	250	6283/41830	d	yes
9. Santa Maria	Littoral Caves									
1	Furna das Pombas	Furna Velha	Vila do Porto	337	0.5-14.5	0.4-12.5	0	6663/40900	Mont	yes
2	Furna dos Anjos		Anjos	117.85	0.65-8.6	0.44-11.2	10	6639/40969	Mont	yes
3	Gruta do Romeiro		Ilhéu do Romeiro de S Lourenco	?	?	?	40	6745/40947		

REGRESSION OF THE
NUMBER OF VOLCANIC
CAVITIES AGAINST
GEOLOGICAL AGE



REGRESSION OF
THE NUMBER OF
ARTHROPOD
SPECIES AGAINST
VOLCANIC
CAVITIES

3. TIPOS DE ANOMALIAS NAS GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES

3.1 As primitivas actividades humanas nas ilhas

Depois de serem colonizadas pelos portugueses, em meados do século XV, todas as ilhas açoreanas sofreram alterações ambientais, como consequência das actividades humanas. Muito provavelmente, com a destruição massiva das florestas naturais e arroteamento de terrenos para a agricultura, algumas entradas de grutas foram tapadas. Contudo, o impacto humano nas próprias estruturas das grutas era, provavelmente de menor significado quando comparado com os mais recentes exemplos de depredação humana do património espeleológico. Assim, podemos afirmar que a principal consequência destes distúrbios humanos primitivos foi o encerramento de algumas grutas. Os mais notáveis e conhecidos exemplos são: um tubo de lava no Corvo; a Furna de João Moreno, na Graciosa, e a gruta de Fouqué, na Terceira, de consideráveis dimensões.

3.2 As recentes actividades humanas

a) A deflorestação para a pastorícia com o uso de "caterpillars" é, provavelmente, a perturbação mais recente e desastrosa nas grutas e algares dos Açores. Com efeito, na ilha do Pico, a mais rica em cavidades vulcânicas, nos últimos 10 anos um "sem número" de pequenas e grandes grutas e algares foram parcial ou completamente destruídos para a criação de melhores pastagens para o gado leiteiro e para consumo. Um dos mais notáveis exemplos foi a parcial destruição de uma interessante parte da gruta de Frei Matias. Por outro lado, tais actividades permitiram também a descoberta de algumas grutas e algares desconhecidos. Em 1990, tivemos oportunidade de visitar, pela 1ª vez, o actual maior tubo de lava dos Açores (a Gruta das Torres, com 4.300m), depois de um condutor de um "caterpillar" ter mencionado a descoberta de uma grande entrada para um imenso tubo lávico.

Mais recentemente, um "skylight" da Furna de Frei Matias foi destruído por um tractor "catterpillar"; afortunadamente, tivemos possibilidade de fazer parar esses trabalhos, e as outras entradas ainda estão intactas.

b) A construção de casas e estradas também causou várias destruições de grutas. Por exemplos: um tubo lávico próximo da gruta das Agulhas (Terceira); uma gruta em S. Miguel (cfr. "Amigos dos Açores"). A Furna de Henrique Maciel, no Pico, foi totalmente obstruída a meio para a construção de fundações para um hospital;

c) As pastagens são a principal exploração económica agrícola nos Açores. Os pastos são, na actualidade, a vegetação dominante neste vulcânico arquipélago: em 1985, a área estimada de terra arável nos Açores era 65,3% da área total do arquipélago; dessa, 67,7% é boa pastagem, usada para a produção de leite; contudo, existe também terra arável pobre (principalmente as pastagens de elevada altitude) que atinge 11,2% da área total. Além disso, algumas actividades, como novos caminhos e construção de protecções nos "skylights" mudaram as características originais de algumas grutas e algares.

Nalguns casos, como no Pico, se a opção é paredes de rocha vulcânica para se protegerem os "skylights" e algares, então uma vegetação especial e ambiente se cria com conservação do sistema respeitante; noutros casos, se o buraco é cheio com grandes pedras e despojos de terra, então o resultado é a obstrução de partes dos tubos lávicos ou destruição dos algares.

No Pico, temos dois recentes e interessantes exemplos: num caso, uma importante parte da Furna de Frei Matias foi obstruída para construção de uma melhor pastagem; noutro caso, uma expedição espeleológica francesa que recentemente visitou os Açores (Julho/Agosto de 94) descobriu mais 300m no maior tubo de lava dos Açores (Gruta das Torres), depois de retirarem pedras e detritos do extremo norte da Gruta;

d) O "cemitério" de animais é uma das mais comuns anomalias verificadas nas entradas e "skylights" das grutas e algares. No Pico e em S. Miguel, os lavradores tendem a usar as grutas como cemitérios para animais mortos.

Este é principalmente um problema de educação cívica, que pode ser resolvido com algumas sessões de esclarecimento apropriadas, ou "posters" sobre educação ambiental;

e) As actividades turísticas (visitas) também contribuem para os danos verificados nas grutas: detritos e destruição de estruturas geológicas. Carboneto e baterias deixadas nas grutas pelos visitantes podem ser uma ameaça à vida na gruta. Destruição de raízes pode ter como consequência a inanição das larvas dos insectos.

Na Terceira, existe a tradição, desde longa data, de visita a tubos de lava. Como consequência, vastas quantidades de restos de piqueniques podem encontrar-se em algumas grutas (Balcões, Natal, Coelho, Agulhas);

f) Manuseamento de reservatórios de água subterrâneos, com alteração das respectivas correntes de água, repercutem-se em grutas, na Terceira e em S. Miguel;

g) Os desperdícios industriais são uma das recentes causas dos danos verificados nas grutas e algares. Por exemplo, uma fábrica de tabaco, em S. Miguel, origina sérias perturbações na Gruta do Carvão.

4. ALGUMAS SOLUÇÕES PARA UMA MELHOR CONSERVAÇÃO DO PATRIMONIO VULCANOESPELEOLOGICO

● Manutenção de uma permanente inventariação das grutas, suas estruturas geológicas e fauna.

As expedições de "OS MONTANHEIROS" a várias ilhas açoreanas constitui uma importante maneira de o conseguir. Contudo, algum esforço deveria também ser feito para a formação de grupos locais de espeleólogos em ilhas como o Pico, S. Jorge e Graciosa. No Faial, existe a "Azorica" e, em S. Miguel, "Os Amigos dos Açores", ambas estas associações com secção espeleológica. No caso de S. Miguel, já foi feito trabalho meritório pelos "Amigos dos Açores". No Pico, Albino Garcia começou interessantes actividades espeleológicas em 1989/90 mas, e infelizmente, tem sentido algumas dificuldades na formação de um grupo;

● Restringir as visitas a um número seleccionados de tubos lávicos.

O único caso conhecido nos Açores de restrição a visitas é o Algar do Carvão, na Terceira, que está sob controlo de "Os Montanheiros". Contudo, existem outros projectos similares para as Grutas do Natal e das Agulhas (Terceira), Gruta do Carvão (S. Miguel) e Gruta do Soldão (Pico).

● Ajudar os proprietários das pastagens a construir cercas à volta dos algares e "skylights".

Esta é uma tarefa urgente para uma real protecção, não só das estruturas da gruta, mas também do ambiente envolvente e fauna dos "skylights". Urgentes medidas deviam ser implementadas na ilha do Pico.

● Como estratégia a longo prazo para a protecção da fauna cavernícola, proteger os "habitats" de superfície (v.g. criação de Reservas Naturais).

Este é um problema complicado. De facto, primeiramente há que educar os políticos, em ordem a tomarem-se medidas de conservação para as grutas açoreanas.

● Educação.

Algum esforço terá que ser feito, pelos conservacionistas, na educação, não apenas da população jovem, mas também de grupos de agricultores, utilizando uma informação seleccionada e apropriada sobre as grutas e sua importância. Todavia, não deverá ser feita demasiada publicidade sobre a localização das grutas, para se evitar um incremento do "efeito visita".

ESPELEOLOGIA

Reportagem

Descemos ao fundo de grutas só conhecidas e exploradas pelos espeleólogos. O turismo ainda não chegou lá. Nem deverá chegar, pois a dificuldade em circular não se coaduna com o comodismo dos turistas. O espectáculo não é em nada inferior ao das grutas mais famosas. E a experiência pode ser marcante.

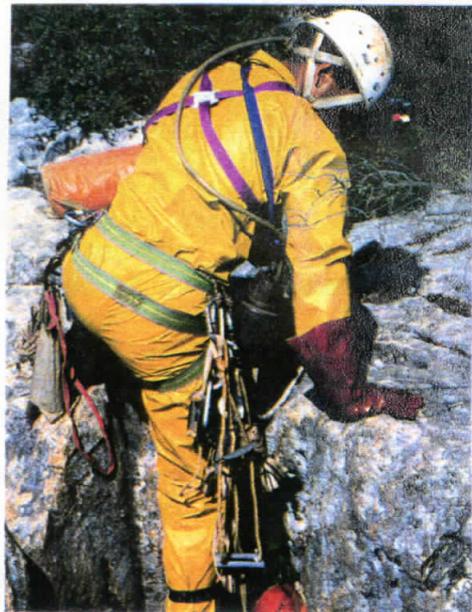
NO OUTRO MUNDO

Texto de
Marina Marques
Fotografia de
Fernando Borges



O acetileno ilumina a passagem

Paulo Almeida inicia a descida



situam-se nesta zona, que abrange as serras de Aire e Candeeiros e os planaltos de São Mamede e Santo António. A natureza calcária dos solos para isso contribui. O dióxido de carbono do solo, apresentando uma concentração superior ao da atmosfera, ao dissolver-se na água origina o ácido carbónico. Este ácido promove a dissolução dos calcários, fundamentalmente constituídos por calcite, originando o bicarbonato de cálcio que é solúvel e, por isso mesmo, arrastado pela água. Surgem, assim, as grutas com as suas espectaculares formas e cores.

Chegámos junto à entrada. Surpresa. Nunca pensei que tivéssemos de entrar por uma passagem tão estreita. Começam os preparativos para a descida, e logo o primeiro aviso: "Altura de fumar o último cigarro e de tratar de outras possíveis necessidades. Lá em baixo não se deixa nada a não ser pegadas e não se traz nada: só fotografias".

A defesa do ambiente espectacular e frágil das grutas é uma constante no discurso destes três espeleólogos. Com mágoa, contam casos de algares e lapas que, visitadas por curiosos, apresentam mutilações. Trazer qualquer tipo de concreções (as estalactites e as estalagmites são as mais frequentes) é impensável. A não ser que seja para estudo da formação geológica da gruta, actividade praticada por este grupo de espeleólogos, a

par de levantamentos topográficos. A informação é tratada e pode ser consultada na sede da SPE. Aliás, como refere o seu Código Deontológico, "os espeleólogos devem colaborar e coordenar os seus estudos, em vez de actuarem isolados". Só assim a actividade poderá evoluir. Caso contrário, cada vez que uma gruta fosse explorada, voltar-se-ia à estaca zero.

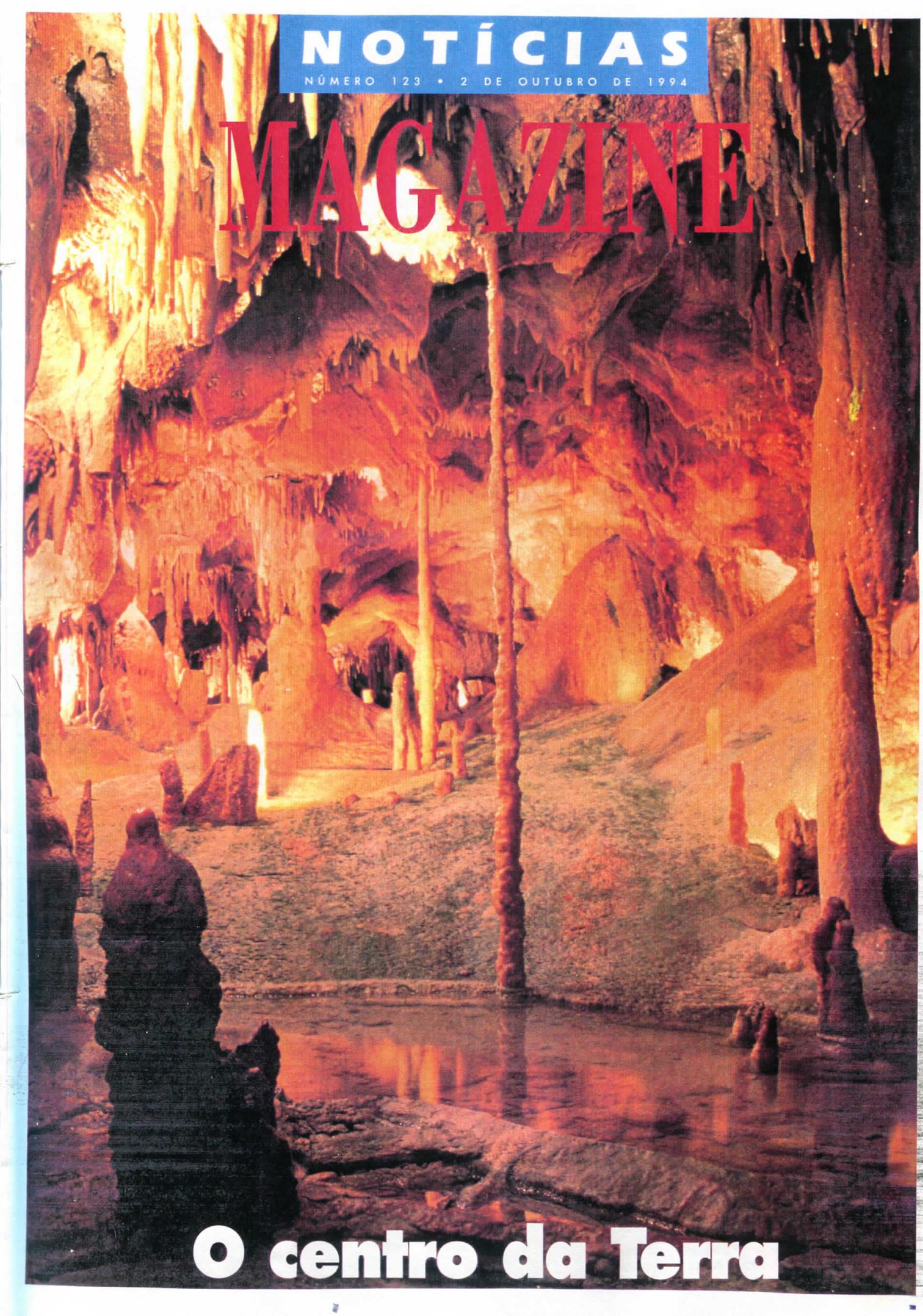
O Paulo Almeida, já equipado, mune-se do estojo de fixação e começa por cravar na rocha pequenas buchas metálicas, os *spits* nos quais enrosca parafusos que fixam as plaquetas. Esta peça possui um furo que permite a colocação de mosquetões, que servem para unir as diferentes partes do material utilizado nas explorações e é através deles que são colocadas as cordas para se descer e subir. Depois desapareceu pela abertura.

O equipamento

Entretanto, a Cristina ocupa-se de nós. Faz "chover" equipamento e respectivos nomes. De galochas e fato-macaco (convém que a roupa seja peça única) começámos por enfiar o cinto coxote em torno das pernas e da cintura, bem aconchegadinho, o que nos permite consolidar os equipamentos mecânicos necessários para a descida e a subida. O delta, peça

Saltando sobre o lapiás (rocha calcária entrecortada por numerosos sulcos superficiais), o Paulo Almeida, o Tó Zé e a Cristina guiaram-nos até ao Algar das Gralhas, gruta escolhida por estes membros da Sociedade Portuguesa de Espeleologia (SPE) para nos mostrarem as maravilhas do mundo subterrâneo, em pleno Maciço Calcário Estremenho.

Em Portugal, o maior número de grutas conhecidas, bem como as mais extensas,

The background of the cover is a photograph of a cave interior. The walls and ceiling are covered in numerous stalactites of various lengths and shapes. The floor is uneven and rocky, with several stalagmites rising from it. A small pool of water is visible in the foreground, reflecting the warm, orange light of the cave. The overall atmosphere is mysterious and ancient.

NOTÍCIAS

NÚMERO 123 • 2 DE OUTUBRO DE 1994

MAGAZINE

O centro da Terra

de forma triangular, fecha o cinto sobre a barriga. Em seguida colocamos um mosquetão, para unir o material mecânico ao delta, no qual se prendem as arreatas (também elas munidas de mosquetões nas extremidades permitindo montar a segurança em qualquer ponto fixo), o punho de subida, o bloqueador e o descensor.

Falta colocar o capacete que, para além de proteger a cabeça, suporta parte do equipamento de iluminação constituído por um gásómetro preso à cintura, recipiente forma-



Paulo Almeida iluminando uma bandeira

do por dois reservatórios. A água é colocada no superior e o carbureto no inferior. Quando se abre a torneira um quarto de volta,

a água vai gotejando sobre o carbureto que assim liberta um gás, o acetileno, que passa por um tubo para o bico de iluminação que se encontra na parte frontal do capacete. A luz é reflectida num pequeno espelho metálico que a difunde. Só faltam as luvas, em PVC, que calçaremos apenas quando começarmos a descer.

É ainda necessário acomodar o restante material que poderá ser necessário no interior do algar, a comida e a roupa. A água e a argila, habituais dentro das grutas, obrigam a estes cuidados. Aproxima-se a hora da verdade.

A descida

O Tó Zé desce e nós, já equipados, aproximamo-nos da boca do algar. "Arreatem-se!", advertem-nos. "A maioria dos acidentes que se dão em espeleologia acontece à boca de um poço". Não é preciso dizer mais. Puxamos das nossas arreatas e, abrindo um dos mosquetões, enfiamo-lo nas cordas de segurança colocadas pelo Paulo, junto à entrada. É a vez do Fernando descer. A Cristina vai explicando as diversas fases de descida. "Primeiro é preciso colocar o descensor na corda. Apertando esta peça encarnada, ele deixa que a corda corra e vocês vão descendo. Para controlar a velocidade, basta abrir mais ou menos o ângulo da corda relativamente ao descensor. Se precisarem de parar, basta deixar de premir a tal peça encarnada que o descensor bloqueia logo. Para paragens mais demoradas convém reforçar o sistema de segurança com uma chave que se obtém ao passar a arreata pelo delta e depois pelo descensor".

O Fernando inicia a descida. "Cuidado, não aproximem de mais o bico de iluminação da corda!", avisa a Cristina. Uns metros abaixo ele pergunta: "Como é que eu faço para parar?". A Cristina responde-lhe: "Larga o descensor que ele bloqueia". Foi muita informação. Não se consegue aprender logo tudo.

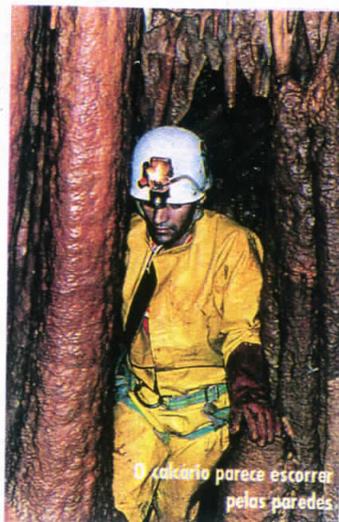
Chegou a minha vez. Pés de um lado da boca do poço, costas do outro, des-

ensor na corda, lá vou eu, e seja o que Deus quiser. Um dos momentos mais estranhos surgiu quando tive de me "sentar" no ar. O descensor, com o seu sistema de bloqueamento, ligado ao delta, permite fazê-lo com segurança. Mas quando olhei para baixo e só vi um buraco muito escuro e bem profundo... que medo! "Onde eu me vim meter". Respirei fundo e reflecti: "Se eles fazem isto é porque é seguro". Presto atenção às indicações da Cristina. "Coloca o descensor no segundo fraccionamento da corda, faz a chave e já te podes sentar". Poder posso, mas será que quero? Lá vai disto! Sentei-me e fiquei a baloiçar no ar. A sensação até é agradável. "A primeira fase já está. Como vês, não custou nada", vai-me encorajando a Cristina, que já percebeu que não estou nada à-vontade. "Agora apoias-te nessas escadas para tirares as arreatas deste primeiro momento da descida". Por motivos de segurança, não é colocada apenas uma corda desde a abertura até ao chão. A descida é fraccionada e, regra geral, o primeiro fraccionamento é logo junto à entrada.

Operação abortada

Atabalhoadamente lá consegui passar as arreatas para o segundo fraccionamento. Agora preciso de desfazer a chave e, com a mão direita, pegar na corda que vai até lá abaixo para controlar a velocidade de descida. Pareceu-me simples, apesar de não ter propriamente "delirado" perante a visão lá em baixo das duas pequenas chamas dos bicos de iluminação do Fernando e do Tó Zé. O poço era mesmo fundo, escuro, frio. Mas vamos a isto. Peguei na corda, que me

pareceu pesadíssima, e comecei a descer. Mas ela em vez de deslizar pela luva ficava presa e quase me entalava no descensor. Larguei a peça encarnada. Fiquei suspensa no ar e contei à Cristina o sucedido. "Não te preocupes. Isso é normal porque as luvas são novas", animou-me. Não fiquei convencida, mas fiz mais uma tentativa. Voltou a acontecer o mesmo. Larguei o descen- ➤



O calcário parece escorrer pelas paredes



► sor. "Quero subir. O que é preciso fazer para voltar para cima?". Ela, calmamente, tentava convencer-me. "Vá lá, não custa nada. Essa primeira reacção é muito normal", disse-me. "Até pode ser, mas estou com medo e prefiro retroceder agora do que entrar em pânico a meio da descida", repliquei. "O medo pode ser controlado", diz-me ela. "Pois, mas eu não sei se consigo controlar o meu". Estava apavorada não só com a descida, mas também com a ideia de não conseguir subir aqueles metros todos. Já nem sentia as pernas. Trocámos o material de descida pelo de subida: colocámos o bloqueador de ventre, ou *croll*, o punho de subida e o pedal.

A Cristina foi-me explicando o que tinha de fazer para subir. "Colocas o pé no pedal, dás um impulso para cima e com uma das mãos fazes a corda passar pelo *croll*. Depois puxas o punho de subida mais para cima". Aquilo revelou-se mais fácil do que eu esperava. Com o movimento, voltei a sentir as pernas. Que alívio ao sair do poço! Eles, coitados, tiveram de voltar para cima.

Nova tentativa

Os membros da SPE decidiram que o melhor era tentarmos entrar no Algar da Mar-

radinha, por a descida inicial ser apenas sete metros. "Acho que é melhor irmos para uma lapa", defendia eu, ainda não refeita do susto. É que as lapas são grutas em que a progressão é feita sobretudo na horizontal. Lá me convenceram e fomos até ao outro algar. Desta feita, a Cristina foi a primeira a descer.

Depois fui eu, toda a tremer. Via-se perfeitamente o fundo do algar, o que me deu confiança. Desci mais tranquila. O pior veio depois. Tinha de passar por uma passagem estreita vertical. Comecei logo a imaginar as dificuldades da subida e, por minha vontade, a experiência teria ficado por ali. Mas a Cristina não se deu por vencida e foi-me dando indicações onde podia apoiar pés e mãos para descer em segurança. "Nunca movas um apoio sem sentires os outros três seguros". Para variar, portei-me bem.

Entretanto, eles os três juntaram-se a nós e começámos então a deambular pelo Algar da Marradilha. "Andem pelos mesmos sítios que nós e apoiem-se nas concreções que já estão sujas de argila. Assim, evita-se, modificar as que nunca foram tocadas".

Cuidadosamente, fomos avançando, corredor após corredor, sala após sala. O cheiro intenso do acetileno incomoda bastante no início, mas habituei-me rapidamente. As estalactites, as estalagmites, as colunas

(que resultam da junção das duas primeiras) e as bandeiras (que parecem cortinas muito finas) faziam esquecer todas as contrariedades e medos iniciais. As suas formas e tons são verdadeiramente espectaculares e indescritíveis. Valeu a pena ter vencido a passagem estreita para agora contemplar este espectáculo escondido.

Depois de muito vaguearmos, de muitas fotografias e contemplações, decidimos sair do algar.

Calhou ser eu a subir em primeiro lugar a terrível passagem estreita. Não encontrando pontos de apoio entrei em pânico, quebrando assim umas das regras de ouro da espeleologia. Resolvi descer o pouco que tinha conseguido subir e pedir ao Paulo que subisse primeiro para depois ele me orientar na parte superior da passagem e a Cristina e o Tô Zé na parte inferior.

Quando me encontrei do outro lado ainda pensei que era mentira. Só faltava a subida e essa eu sabia que a conseguia fazer. Foi tempo de me sentar um pouco na argila e de libertar a adrenalina. O espectáculo vale realmente o esforço. Mas não sei se voltaria a entrar num algar. O mundo subterrâneo é, de facto, maravilhoso. Mas falta-me o céu como limite. ●

NAS PROFUNDEZAS DA TERRA

Texto de **Regina Oliveira**
Fotografia de **Augusto Baptista**

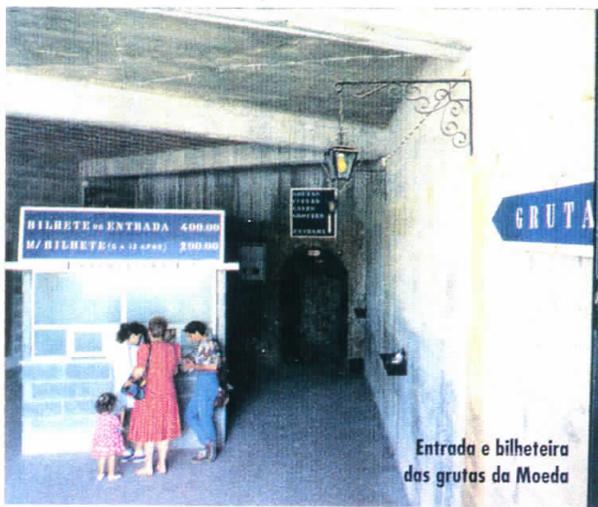
Descer ao fundo da Terra e sentir-lhe a respiração é uma experiência única. É um mergulho no escuro, um regresso às origens, uma viagem ao desconhecido. Mas é também uma sensação ao alcance de quem inclui as grutas no roteiro de férias.

Confrontar a força da natureza com a mão do homem é a tentação em que caem os olhares mais atentos de quem entra nas grutas de Santo António, Alvalados, Mira de Aire e Moeda. Uma parte do Maciço Calcário Estremenho — entre Fátima, Porto de Mós e Torres Novas — que foi transformada em pólo de atracção turística por empresas privadas.

A galerias recheadas de formações calcárias — estalactites e estalagmites — atravessadas por verdadeiros lençóis de água sub-

terrâneos, mistura-se a luz, a cor e a música de fundo. São milhares de pontos luminosos, lagos, fontes e repuchos que enchem os olhos de todos quantos embarcam nestas visitas guiadas ao interior da terra.

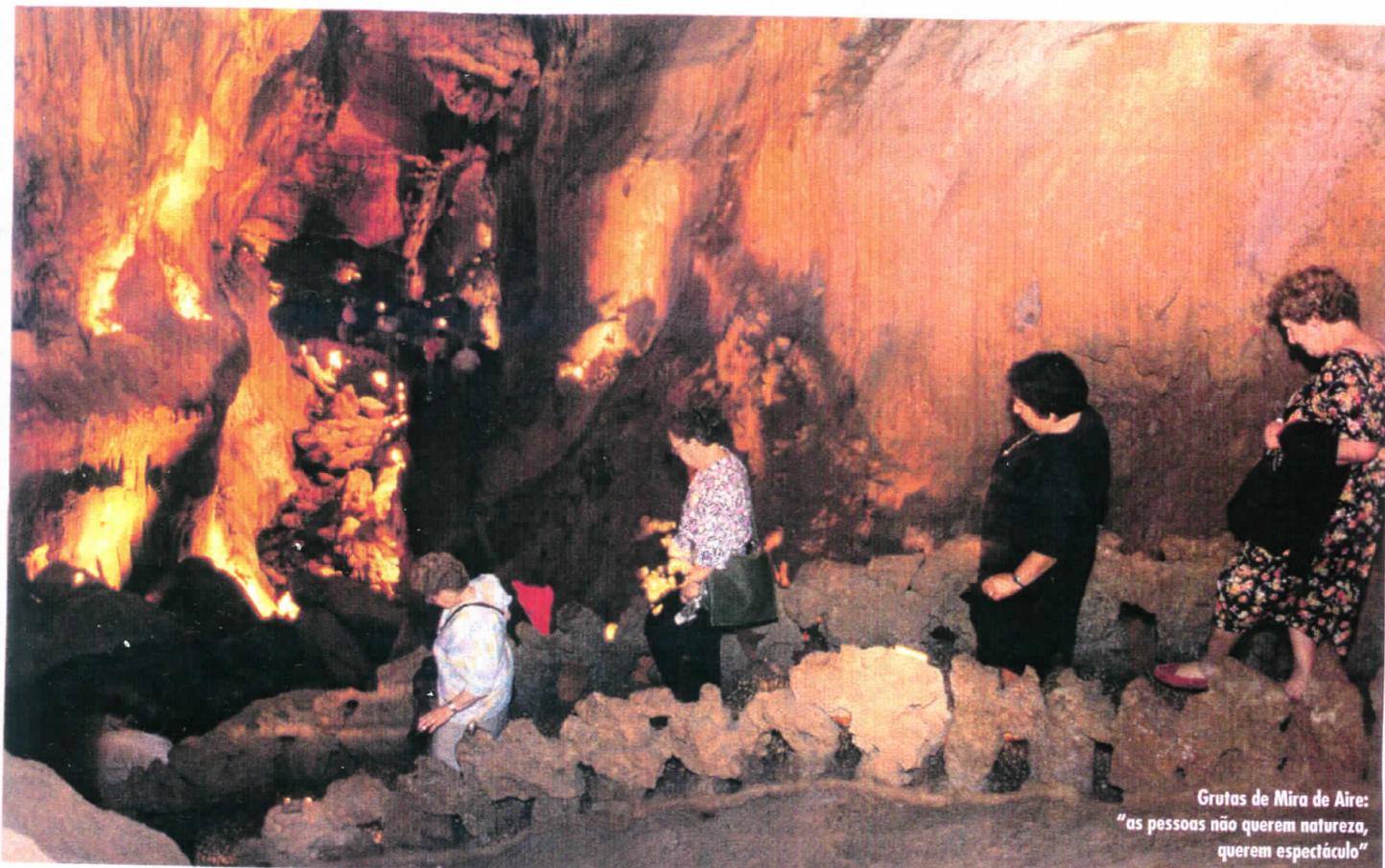
Depois é deixar-se levar pelos sentidos. Ou deixar tudo o que os olhos possam ver ao critério da imaginação e dar nomes às formas. É assim que surge a *Boca do Inferno*, *Capela Imperfeita*, *Presépio*, *Bolo de Noiva*, *Alforreca*, *Seca do Bacalbau*, *Cascata*, *Virgem*, *Sala do Esparguete*, ►



Entrada e bilheteira das grutas da Moeda



Um grande lago decorado com 14 fontes luminosas: uma das imagens que os turistas retêm das grutas de Mira de Aire



Grutas de Mira de Aire: "as pessoas não querem natureza, querem espectáculo"

► *Asas de Morcego* e *Dentes de Jacaré*. Um imenso universo de sugestões e semelhanças. Um jogo de formas e volumes, de luzes e de sombras a desafiarem todas as interpretações.

Grutas que são apenas uma pequena amostra do que esta zona reserva em termos de paraísos subterrâneos. Aqui, as pessoas sempre ocuparam o seu tempo livre na descoberta de cavernas. Muitas já foram exploradas, mas só estas foram preparadas para receber o público. Em causa está o investimento que este tipo de infra-estruturas implica.

Um mergulho no desconhecido

«Estamos na sala velha que foi descoberta há mais de 400 anos. Era para aqui que os

pastores traziam as cabras e as ovelhas no Inverno quando chovia muito e no Verão quando fazia muito calor. Servia de abrigo para os animais». Carlos Baptista Vieira dava assim início a mais uma visita guiada às grutas de Alvados. As palavras saíam-lhe em tom de discurso memorizado: «Cuidado! Degraus... cuidado com o piso que está muito escorregadio», dizia, virando-se para o pequeno grupo.

«Foi então em Agosto de 1964 que as grutas foram descobertas por homens que trabalhavam nas pedreiras. Começaram a atirar pequenas pedras num algar — poço — que pelo barulho das pedras a cair lhes pareceu muito fundo. Foram à aldeia buscar cordas e lanternas e voltaram, desceram e deram com este trabalho da natureza. Nove anos depois

foram abertas ao público». Depois da explicação dada era tempo de deitar pés ao caminho.

Enquanto percorria os longos túneis construídos para manter intactas as galerias da gruta, o guia continuava: «Durante esses nove anos trabalharam aqui cerca de 110 homens para que isto fosse possível». O silêncio das paredes frias e húmidas era de novo quebrado: «Ora, estalactites são as que vêm de cima para baixo e estalagmites são as que vêm de baixo para cima. Quando as duas se juntam chamam-se coluna. Crescem à razão de um centímetro de cem em cem anos».

E uma nova advertência: «As pessoas mais altas... cuidado com a cabeça ou com o chapéu». Depois de um novo túnel outra galeria: «Aqui temos o lago das Maravilhas e lá em►



Foram construídos longos túneis para manter intactas as galerias das grutas de Alvados

► baixo podemos imaginar uma santa. Entretanto, alguém pergunta se o lago é natural e a resposta surge pronta e estudada: «O movimento que se vê é de uma bomba para que a água não estagne e fique a cheirar, mas o lago é natural».

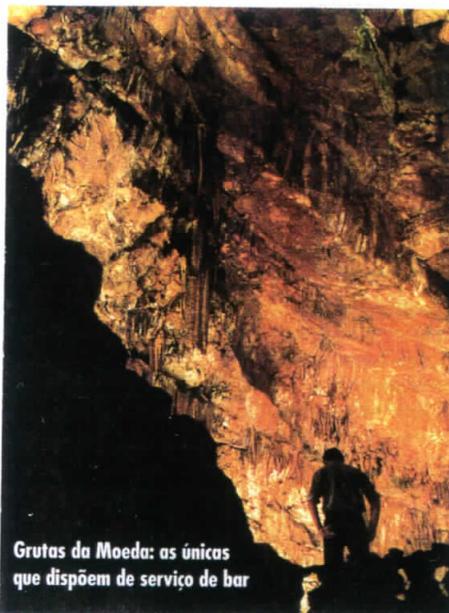
Depois de falar da temperatura constante — entre os 14 e 16 graus — e mostrar algumas estalactites excêntricas — que crescem em diagonal devido à pressão da água — continuava a mostrar várias formações calcárias. «Aqui, ao nosso lado direito, podemos imaginar a teta de uma cabra... mas esta não dá leite, dá água». Iniciada a subida por mais um túnel, uma chamada de atenção para «o algar das simpáticas amigas sogras». Referência ainda para um veado petrificado com oito mil anos. Mais coisa menos coisa.

Sentir a terra

Depois de Alvalade, o destino são as grutas de Santo António. «Aqui temos o lago da Felicidade. E as moedas que se encontram no fundo são as pessoas que deitam voluntariamente para fazer pedidos. Isto não quer dizer que sejam obrigadas: esta será a parte voluntária do próprio visitante». É por aqui que o cicerone começa a visita, depois de ter explicado como é que a gruta foi descoberta em 1955 por dois homens que trabalhavam perto da Pedra do Altar em Porto de Mós.

Com uma área de seis mil metros quadrados e 43 metros de profundidade, estas grutas são as que denotam maior preocupação em preservar o aspecto inicial: só os acessos, os dois mil pontos de luz e o alargamento dos três lagos subterrâneos foram «trabalhados». Apesar de serem as mais pequenas, são as que dispõem de maior quantidade de formações calcárias vivas, estando «a existência do conjunto calculada em 50 mil anos» como refere o guia.

«Agora e para dar fim ao poder da imaginação — que é livre em cada um de nós — reparem nesta formação que deixo ao vosso critério». Ouvem-se risos e todos concordam tratar-se de dois seios suspensos numa das paredes da gruta. O guia explica: «as pessoas dizem que fomos nós que pintámos os bicos, mas isso deve-se à curiosidade que leva as pessoas a mexer no que não



Grutas da Moeda: as únicas que dispõem de serviço de bar

lhes pertence. E alguns visitantes brincam: estas sim, são velhinhas, mas rijinhas!».

«Por aqui já passaram seis milhões de pessoas», esclarece Hermínio Quitério Pires, encarregado destas grutas há 25 anos. «O meu sonho era que se abrisse a outra galeria conforme está e que se fizessem as visitas com escadas de madeira e lanternas para que as pessoas pudessem apreciar o trabalho da natureza», confessa, referindo a uma parte da gruta que ainda não está aberta ao público. «A natureza é perfeita e tudo o que se possa fazer numa gruta é uma agressão».

Som, luz e cor

Estávamos a 110 metros de profundidade quando fomos surpreendidos por um grande lago decorado com 14 fontes luminosas. Depois deste espectáculo de água, luz e som, dois elevadores aguardavam o grupo de espanhóis que terminava a visita às grutas de Mira de Aire. Um desfecho que conseguiu superar os olhares de espanto que tinham enchido a cara daquela gente de meia-idade na passagem pela *Sala Grande* e *Sala da Joalbaria*.

«As pessoas não querem natureza, querem espectáculo», reconhece Poças das Neves, director administrativo da sociedade que explora estas grutas. «O lago, as fontes luminosas e os elevadores são as imagens que os turistas retêm de tudo o que vêm» ao longo dos 700 metros de extensão aberta ao público. «Daí que se tenham transformado em referência obrigatória em qualquer panfleto turístico».

«Este lago, ao natural, tem um efeito surpreendente: os tectos reflectem-se na água que funciona como um espelho», adverte Carlos Alberto, responsável pelo departamento comercial da mesma empresa e membro da Sociedade Portuguesa de Espeleologia. «Apesar da beleza, as pessoas assustavam-se com a sensação de abismo». Por isso, afirma para explicar a opção feita: «Acabamos por nos render à expressão de alegria das pessoas quando ligávamos a iluminação das fontes».

Grutas que valem pela sua grandiosidade e pelo seu passado. Descobertas em 1947, as grutas de Mira de Aire já foram a esperança frustrada de uma população que se debatia contra a seca, local de piqueniques domingueiros, de acampamentos de grupos da Faculdade de Ciências de Lisboa e de estudos por parte da Sociedade Portuguesa de Espeleologia. Chegaram até a ser classificadas como abrigo militar. Agora vivem para o turismo e recebem uma média de 200 mil visitantes por ano.

Beber um copo

As grutas da Moeda de S. Mamede devem ser as que maior afluxo de turistas têm, dada a sua proximidade ao Santuário de Fátima. Trabalhadas e coloridas «para realçar a beleza de algumas formações calcárias», como explica Carlos Silva, têm a particularidade de oferecer aos visitantes serviço de bar subterrâneo, instalado numa gruta adjacente com cerca de 50 metros quadrados: a da Cova da Moura.

São cerca de 350 metros quadrados de extensão visitável com um desnível de 45 metros. Não faltam fontes e lagos, onde muitos dos que por lá passam formulam desejos a troco de algumas moedas. A *Fonte das Lágrimas*, *Sala do Pastor*, *Cúpula Vermelha* e *Sala do Presépio* são alguns pontos de atracção destas grutas descobertas em 1971 por dois caçadores em perseguição de uma raposa.

De resto, as grutas da Moeda de S. Mamede são a demonstração, como todas as outras, de que o paraíso até está no fundo da terra. E que, afinal, por algumas centenas de escudos qualquer *cristão* consegue lá entrar. ●

COMENDADOR BOAVENTURA GONÇALVES DE FREITAS



Quem, de entre os terceirenses, conheceu a figura do seu conterrâneo Boaventura Gonçalves de Freitas, desaparecido do número dos vivos em 31 de Dezembro do ano transacto? Serão muito poucos os residentes nesta ilha, mas muitos os residentes no Continente, nomeadamente em Coimbra, que o conheceram, estimaram e admiraram. O finado era filho de D. Francisca Borja Lourenço de Freitas e do Sr. Manuel Gonçalves de Freitas, conhecido por "Barbeiro Mudo", há muito falecidos no continente e cujos restos mortais pretendia transladar para esta ilha.

Figura distinta, mas modesta, era uma pessoa de grande cultura e de elevado espírito de investigador, dedicada a todas as manifestações culturais, como o demonstram os seus inúmeros artigos insertos na revista "Ilha Terceira", de publicação por ora suspensa, mas que esperamos volte à luz do dia, como ele tanto desejava. Tive a satisfação de, na sua residência de Coimbra, apreciar os seus albuns de fotografias hoje de valor histórico bem como de exemplares diversos de arte recolhidos ao longo dos anos, nomeadamente da arte africana, de que era profundo conhecedor e que funcionava doar ao museu de Angra do Heroísmo.

Como engenheiro técnico civil competente que era, é muito vasto o seu "curriculum vitae", o que me impede de o dar à estampa, limitando-me, portanto, a referir apenas e resumidamente, os locais onde o seu profundo saber se patenteou bem à larga em obras de grande vulto e elevada responsabilidade: Coimbra (1932-1943), Viseu (1943-1945), Angola (1945-1962), Guiné e ainda S. Tomé e Príncipe, de onde regressou a Angola (Robert Williams) por motivo de doença algo prolongada que o obrigou a regressar, em 1968, à metrópole para efeitos de tratamento. Recuperado dos fortes incómodos de saúde, voltou à actividade em Coim-

bra (1969-1977). Neste último ano é eleito Presidente da Câmara Municipal de Tabuaço, cargo em que se manteve ao longo de três mandatos, não concorrendo ao quarto, como era desejo de uma boa maioria de tabuacenses, por já se sentir algo cansado.

No lapso de tempo em que esteve à frente daquela autarquia enorme foi, como tive ocasião de observar, o volume de obras executadas em, praticamente, todas as freguesias daquele concelho, muito meu conhecido desde a minha juventude. E foram obras de grande vulto, como o abastecimento de água a algumas e com ramais domiciliários praticamente em todas, construção de redes de esgotos, de estradas, incluindo a sua pavimentação, e beneficiação de outras existentes, para já não falar dos trabalhos de reparação, beneficiação e embelezamento de zonas urbanas, cemitérios, etc., etc..

Entretanto é o concelho visitado pelo Presidente da República, ao tempo o General Ramalho Eanes que, ao aperceber-se da grandiosa obra realizada, pretendeu saber se o Eng. Boaventura de Freitas era natural do concelho em questão. Qual não foi o seu grande espanto ao saber que ele era terceirense, pois devia ser, segundo parece, o único açoreano à frente de uma Câmara Municipal no continente. Logo ali foi aquele autarca informado de que na sua próxima visita presidencial aos Açores seria o mesmo incorporado na sua comitiva, o que efectivamente se verificou, salvo erro, em 1983 ou 1984.

Em 10 de Junho de 1985 Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas foi o mesmo autarca condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique, cerimónia a que ainda assistiu a sua estremosa Esposa, D. Maria Delfina de Araújo Macedo de Freitas, falecida a 6 de Junho de 1994, isto é, seis meses antes do marido.

Exposta, ainda que resumidamente, a grande actividade e

dinamismo do ilustre terceirense agora desaparecido, resta referir que, dada a sua esmerada educação, delicadeza e fino trato, foi altamente considerado por superiores e subordinados, pelo que foi alvo de louvores e significativas homenagens por parte destes últimos.

Como terceirense de gema que era, estava sempre atento a todas as manifestações culturais nos Açores, nomeadamente desta ilha, sendo também um grande admirador de "Os Montanheiros", de cujas actividades estava sempre a par, através da revista daquela Sociedade Espeleológica "Pingo de Lava", que muito apreciava.

Quando da sua última visita de saudade que ele dizia já ser de despedida a esta sua amada ilha Terceira, a qual teve lugar em Setembro do ano transacto, foram-lhe proporcionadas várias visitas, sem esquecer, claro, os locais da sua predilecção ou ligados a saudosas recordações da sua infância e juventude, as quais muito o emocionaram.

Igualmente o sensibilisou a visita que efectuou à Sede de "Os Montanheiros" por gentil convite da sua Direcção, onde teve oportunidade de apreciar, deliciado, o seu museu que, a seu ver, muito poucas (ou nenhuma) sociedades idênticas terão igual. Também ali apreciou, com muita admiração, um filme onde viu, entre os exploradores, uma senhora por sinal a Esposa do Presidente da Direcção em actividade numa galeria bem estreita, o que muito o admirou e emocionou.

Aos que o acompanharam, entre eles o modesto autor destas linhas, resta a consolação de saber que, não obstante a sua incurável doença, teve a suprema satisfação de uma última visita a esta sua Ilha Natal, onde lhe foi dada a oportunidade de conhecer conterrâneos que de há muito admirava, como, por exemplo, o Autor de "Filósofos da Rua", muitos deles seus conhecidos, "A Alma da nossa Gente" e "Teatro Angrense Elementos para a sua História", que é

Augusto Gomes. Mas a ele fica também o pesar de saber que Boaventura de Freitas não viu concluídas algumas tarefas que se impôs, como sejam a homenagem de gratidão que os açoreanos devem ao heróico Comandante Carvalho Araújo, a qual se resumia na deposição de uma palma de bronze, com legenda alusiva ao sacrifício da sua própria vida, na base da estátua daquele alto e brioso Oficial da Marinha de Guerra Portuguesa, em Vila Real. Era também sua intensão enviar aos seus Amigos aqui residentes uma cassete relativa à 10ª Ilha dos Açores. E, já agora, lembro um facto que traduz bem o seu profundo amor à Terceira. Por pessoa de família, que teve que se deslocar em serviço oficial a Coimbra, pedi-lhe o favor de me adquirir e enviar pelo mesmo portador uma medalha, então há pouco editada, de Antero de Quental. Pois além dessa enviou-me outras que possuía, dizendo que assim tinha a certeza que ficavam na sua terra.

Tristemente a grave e incurável doença de que era portador agravou-se dois meses depois do seu regresso à Lusa Atenas, não lhe permitindo satisfazer por escrito e de forma legal as suas últimas vontades. Paciência.

Ao recordar passos da vida deste terceirense ilustre, desconhecido da geração actual e meu verdadeiro e leal Amigo desde há meio século, julgo ter prestado significativa, embora modesta, homenagem à sua memória, precisamente no dia em que completaria 82 anos, para que, assim, todos os terceirenses fiquem com um conhecimento, ainda que pela rama, de um conterrâneo que nunca deslustrou a terra que lhe foi berço, confirmando assim que "é mais fácil tirar o açoreano da ilha do que tirar a ilha ao açoreano".

No corrente ano de 1995, e cumprindo com as suas obrigações, "OS MONTANHEIROS" tem projectados alguns eventos, à semelhança de anos anteriores, e de que aqui se deixa ficar um esboço:

© CAMINHADAS

Serão efectuados os já tradicionais passeios de que os jovens (e não só...) tanto gostam, os quais terão lugar entre 23 de Abril e 5 de Outubro, não se efectuando em Julho e Agosto.



Este programa terá a designação genérica de "TRILHOS d'ILHA" e compreenderá 7 caminhadas, respectivamente, nos dias 23 de Abril, 1 de Maio, 14 de Maio, 28 de Maio, 11 de junho, 24 de Setembro e 5 de Outubro. Todos estes dias correspondem a domingos, à excepção do 1º de Maio, que é 2ª feira, feriado.

Nas zonas a percorrer, e para cumprimento de normas ambientais superiormente determinadas, não estão incluídas áreas de reserva natural protegidas.

© EXPEDIÇÕES ESPELEOLÓGICAS

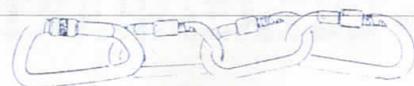
Em princípio, apenas se realizará uma expedição espeleológica, que decorrerá na ilha do Pico na 1ª quinzena de Setembro, e terá por objectivo a continuação do inventário espeleológico dos Açores.

© ALGAR DO CARVÃO

Deverá receber melhoramentos, designadamente no que concerna à iluminação do seu interior, e continuará a cumprir a sua função turística, abrindo ao público, como em outro local deste Boletim se refere.

© TRABALHOS DE CAMPO

Continuarão a desenvolver-se, na ilha Terceira, privilegiando sobretudo a detecção de novas cavidades vulcânicas e conservação das já detectadas, para além de outros, como filmagens e reconhecimento de terrenos.



NOVOS CORPOS GERENTES

Realizou-se na noite do dia 7 do corrente mês de Março a Assembleia Geral, previamente publicitada nos termos estatutários, onde se procedeu à eleição dos novos corpos gerentes que, no biénio 1995/1996, dirigirão os destinos de "OS MONTANHEIROS".

Foi apresentada uma única lista que, assim, foi aprovada pelos sócios presentes, cujo elenco é o que consta do quadro abaixo e ao qual está reservada a espinhosa tarefa de gerir esta colectividade, procurando, designadamente, levar a efeito vários trabalhos de melhoramento das infraestruturas existentes e dependentes desta Sociedade, e também concretizar novos projectos nos domínios da espeleologia (e não só...) a bem da ilha e da Região:

ASSEMBLEIA GERAL

- | | | |
|-------------|---|--|
| Presidente | - | JOSE MANUEL ALBERTO DUARTE |
| Secretários | - | LUIS MANUEL BRASIL VASCONCELOS BETTENCOURT |
| | - | MARIA MARCELINA SILVA ALVES |
| Substituto | - | ADAM CARL MARTINS CASINHA |

DIRECÇÃO

- | | | |
|--------------|---|---|
| Presidente | - | MANUEL DE AGUIAR SILVA |
| Secretário | - | FERNANDO EMANUEL AMARANTE PACHECO PEPEIRA |
| Tesoureiro | - | JOSE GABRIEL DA ROSA FICHER |
| 1ºSubstituto | - | JORGE ORLANDO FERREIRA DA SILVA |
| 2ºSubstituto | - | JOSE MARIA FERREIRA BOTELHO |

CONSELHO FISCAL

- | | | |
|-------------|---|----------------------------------|
| Presidente | - | PAULO JOSE MENDES BARCELOS |
| Vogais | - | JOSE MANUEL SOUSA |
| | | LUIS ANTONIO NASCIMENTO PARREIRA |
| Substitutos | - | ANTONIO PIMENTEL ESCOBAR |
| | | FILIPE ALEXANDRE COSTA SILVEIRA |

HÁ 30 ANOS...

APÓS 126 DIAS DE TREVAS

FRESCO E GORDO

O ESPELEÓLOGO SENNI

FOI ONTEM RETIRADO DÁ GRUTA

ONDE SE ISOLARA DESDE NOVEMBRO

PARIS, 7. — Após ter passado 126 dias isolado no fundo dum abismo, o espeleólogo Antoine Senni voltou hoje a sair, num estado que o primeiro médico a examiná-lo classificou de «sensacional frescura». Esta experiência de vida fora do tempo é um fenómeno tanto mais estranho porquanto o herói que se tinha esforcado por contar os dias — e isto, bem entendido, sem a menor referência exterior — julgava que se estava ainda a 3 de Fevereiro.

Foi no dia 30 de Novembro que Antoine Senni, um homem de 35 anos, fabricante de móveis e morador em Nice, apaixonado pela espe-

leologia, mergulhou no abismo «Olivier», situado no maciço subalpino de Audoubertie perto de Grasse, a uma altitude de 1500 metros.

Sabia, desde sexta-feira que a saída seria efectuada hoje. Um membro do «Comité» Republicano de Segurança fora compartilhar com ele a sua última noite no subsolo, tendo-se-lhes reunido, esta manhã, Michell Siffre, o espeleólogo organizador da expedição, cuja façanha de 62 dias debaixo da terra nas mesmas condições, estava já largamente batida.

A subida à superfície demorou uma hora e quarenta. Ao voltar a ver a luz do dia, através de óculos de grossas lentes escuras, Antoine Senni exclamou: «Estou contente por isto ter acabado e, se fosse para recomençar, creio que renunciaria».

Comeu o bife com que sonhava há semanas...

Para Antoine Senni, os momentos mais duros foram aqueles em que, tendo-se-lhe avariado o magnetofone, foi obrigado a viver num silêncio absoluto, que apenas o angus-

tante ruído da queda duma pedra vinha por vezes perturbar.

A mulher de Senni encontrava-se entre a multidão que acorreu para assistir á sua saída do abismo. Estava também presente o filho de 9 anos do espeleólogo, Hervé, que reconheceu imediatamente o pai, apesar da barba crescida e da palidez.

Transportado ás costas para um abrigo de montanha, Antoine Senni comeu o bife «mal passado», com que sonhava há semanas. Tomou depois um helicóptero até ao aeroporto de Nice, onde embarcou para Paris.

A' sua chegada ao aeroporto de Orly, o espeleólogo fez sensação. Calçando botas de lã e envergando calças de veludo e uma camisola de malha colorida, óculos de motociclista e o cabelo e a barba muito compridos, não podia passar despercebido. Antoine Senni, que, paradoxalmente, engordou oito quilos vai agora ser submetido a cuidadosos exames e testes por parte dos médicos e de outros homens de ciência, que tirarão todos os ensinamentos possíveis desta experiência, nomeadamente para uso da astronautica. — (F. P.).

HÁ 60 ANOS...

A VISITA AS "ALAGOAS" PROPRIEDADE DO SR. JOÃO COELHO DE SOUSA PACHECO - O QUE ERA ESSE PREDIO HA 14 ANOS E O QUE É HOJE - O SEU ARROTEAMENTO CONSTANTE - ASCENÇÃO AO PICO "AGUDO" POPULARMENTE CONHECIDO POR "PICO ALTO" - A MARAVILHA PANORAMICA QUE DO CIMO SE DISFRUTA.

Subordinado ao título acima, e inserido em capítulo sobre "A CRISE NA ILHA TERCEIRA", pode ler-se em "A União" de 14/6/1933 um artigo de MIGUEL FORJAZ. Após a referência àquele prédio de as "Alagoas" pertencente à freguesia do Porto Judeu, e adquirido há 14 anos pelo sr. João Coelho Pacheco quando era um matagal, coberto de mofedos, cedros e outras espécies próprias do nosso mato, diz o articulista:

(...)

Durante o trajecto, o sr. João Coelho chamou a nossa atenção para 2 grandes traços de terreno por arrotear, um do lado esquerdo e outro do lado direito do prédio denominado "a Lagoinha" pertencente ao sr. Francisco de Paula Rego e que hoje, pelo seu arroteamento, nos oferece uma magnífica pastagem.

Na margem direita da Estrada Central, lá vimos consoladoramente o "Pico do Areeiro", pertencente ao sr. José da Costa Franco, todo arroteado, todo verdejante, numa palavra, numa rica pastagem.

Na margem esquerda, surpreendeu a nossa atenção uma grande área de campo plantada de espadana, pertencente ao sr. João Baldaia do Rego Botelho.

Este terreno é conhecido pelo nome de "Egas Moniz" e está assim plantado de espadana por o seu proprietário pretender introduzir uma nova indústria nesta terra.

(...)

Vamos agora à parte poética da nossa visita. Foi ela a ascensão que fizemos ao "Pico Agudo" popularmente conhecido por "Pico Alto" com 883m acima do nível do mar.

E uma ascensão fácil.

Uma vez no cimo deste, não há palavras que possam traduzir o que os nossos olhos veem e a nossa alma sente. É uma autêntica maravilha panorâmica. Só as geniais paletas de Rubens, Miguel Angelo ou Leonardo da Vinci poderiam pintá-la nas suas variadas cambiantes.

Quem não foi ainda ver este lindo ponto de vista da linda ilha Terceira, faça-o para mais desassombradamente afirmar que a nós só nos faltam recursos materiais para semos um importante centro de Turismo.

Quando chegámos à falda do Pico e devido à saudade que dele trazíamos, olhámos para traz, para mais uma vez apreciarmos a sua altiva importância, mas coisa curiosa, o pano tinha descido, isto é, o Pico cobria-se de nevoeiro."

GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (29)

← ILHA DO PICO →

ALGAR DO CABEÇO DO BRAVO

Elevação ----- 447m
Profundidade ---- 28,5m
U.T.M. ----- 3698/42611



O grupo que integrou a expedição "ARCOPEL-91, à ilha do Pico, reunido junto ao Algar do Cabeço do Bravo, ao fundo do qual alguns dos seus elementos tinham acabado de descer

Este Algar e este Cabeço localizam-se na freguesia da Criação Velha, concelho da Madalena, e são dependências da Montanha do Pico.

Toda a parte ocidental da ilha do Pico é constituída por extensos campos de lava. Os derrames saíram de várias bocas situadas na base da Montanha ou, ainda, dos diversos aparelhos secundários localizados ao longo das principais fracturas que existem na sua periferia.

As fracturas conhecidas na parte ocidental da ilha do Pico pertencem a dois grupos: umas têm um dispositivo radiado em volta da Montanha; outras, ao contrário, têm uma orientação geral NW-SE, prolongando-se na Ilha do Pico as falhas conhecidas na ilha do Faial.

O eixo vulcânico formado pelo Monte Carneiro, pelo Monte das Moças e pelo Monte Queimado, na ilha do Faial, prolonga-se, na ilha do Pico, por uma fila de 16 aparelhos, cada qual com uma ou mais crateras.

Entre estes, figura precisamente o CABEÇO BRAVO, para além de outros, como o Cabeço do Pé-do-Monte(135m), o Cabeço das Casas(194m), o Cabeço de Cima(226m), o Cabeço do Manuel João(516m , onde fica localizado o Algar do Caixeiro, ou da Ampulheta, que "OS MONTANHEIROS" já exploraram), o Cabeço do Tamusgo(629m), o Cabeço Gordo(736m) e o Cabeço do José do Moinho(804m).

O ALGAR DO CABEÇO BRAVO foi explorado sumariamente, no decurso da expedição espeleológica "ARCOSPEL-91", levada a efeito por "Os Montanheiros". E tanto não foi explorado de forma exaustiva que não foi, então, detectado o esqueleto humano agora encontrado no fundo do Algar, o qual, aliás, estava semi-escondido, como se vinia a comprovar.

Este Algar é de alguma imponência, e a explosão vulcânica que o formou terá sido de consideráveis proporções, até porque originou o maior tubo de lava existente nos Açores (a GRUTA DAS TORRES). Com efeito, e contra o que é habitual na generalidade dos algares, este prolonga-se numa gruta com mais de 300m, de grandes dimensões, encontrando-se obstruída por desabamento, mas, tudo indica, ser o início da conhecida Gruta das Torres, cuja entrada mais a montante (skylight a cerca de 1 km de distância do Algar) se encontra no mesmo alinhamento, tendo já sido descrita nas páginas do "PINGO DE LAVA".

Este Algar, no que concerne a formações geológicas específicas, nada tem de especial (o que é habitual nos algares), para além de algumas estruturas que se presume serem de gesso, como se pode ver numa das fotos que ilustra esta rubrica. A gruta, em si, tem as mesmas características da presumível sequência (Torres), ou seja, grandes dimensões que originaram vários desabamentos e, portanto, formações geológicas vagas e imprecisas (sobresaindo as estalactites irregulares do tecto), formações estas que, na parte a jusante da 2ª entrada para a Gruta das Torres, já apresentam características singulares e bem precisas, à medida que o tubo lávico vai diminuindo de dimensões.

Foi neste cenário que, no início do corrente ano de 1995, se desenrolaram as descobertas (feitas por espeleólogos continentais) do esqueleto humano, o que levaria a que fossem contactados "Os Montanheiros" no sentido de recolherem as ossadas. E, assim, deslocou-se ao Pico o Fernando Pereira, o qual elaborou o Relatório constante desta rubrica.



OPERAÇÃO CABEÇO DO BRAVO

10 de Janeiro de 1995

- Contacto do Serviço Regional de Protecção Civil dos Açores com a Sociedade de Exploração Espeleológica "OS MONTANHEIROS" afim de se deslocar à ilha do Pico um membro desta sociedade para uma busca de eventuais ossadas humanas no interior do Algar do Cabeço Bravo;

11 de Janeiro de 1995

- 14h 30m Transporte em viatura do Serviço Regional de Protecção Civil dos Açores, para o aeroporto das Lajes;

- 15h 50m Saída do aeroporto das Lajes com destino à ilha do Pico no Dornier da SATA Air Açores;

- 16h 30m Chegada ao aeroporto do Pico dando-se logo início à "OPERAÇÃO CABEÇO BRAVO". Passagem pela Madalena a fim de seguirem para o local, o 1º Sub-Chefe João Cardoso e o senhor Delegado de Saúde Drº. Álvaro Manito. Na viatura da PSP já se encontrava a Senhora Delegada Drª. Maria Seia e a Meretíssima Jufza Drª. Cristina Malheiro assim como o Guarda 1ª. classe Manuel Martins. Na viatura dos Bombeiros Voluntários da Madalena seguiam o Senhor Comandante dos Bombeiros Manuel Furtado, o Bombeiro de 3ª. classe José Alvernaz, o Bombeiro de 2ª. classe João Dutra e o espeleólogo de "Os Montanheiros" Fernando Pereira.

Chegou-se ao Cabeço Bravo cerca das 17h 30m e, depois de 15m a pé estava-se junto ao local onde se efectuará a descida ao algar.

Começou-se pela amarração da corda de descida assim como a amarração de uma outra corda com 25 metros dos bombeiros para caso de ser necessária para içar algum material.

Antes da descida foi verificado o equipamento e colocado num saco material para possível uso no interior do algar: luvas de borracha, joelheiras, uma caixa com carbureto, uma caixa com sacos de plástico "tipo lixo" e uma lanterna dos bombeiros.

Depois de tudo O.K., foi feita a descida do algar, que consta de uma vertical livre de 25 metros, até ao cimo de escórias, lixo e restos de animais que cobrem o chão deste, com cerca de 3 a 4 metros de altura.

No fundo do algar começou-se a busca em redor do local de descida, seguindo-se até cerca de 34 metros para o local onde se deu início deste algar/gruta. Neste percurso, só foram encontradas ossadas de possíveis ruminantes das quais foram tiradas algumas fotos (fotos 20, 21 e 22 em anexo). Para o lado onde se desenvolve a gruta, com cerca de 323 metros de comprimento terminando numa grande derrocada, cortando a possível continuidade da gruta, e a cerca de 23 metros do local de descida, logo após uma longa derrocada e já no chão da dita gruta, ao lado direito encontraram-se possíveis ossadas humanas e, antes de se retirar alguns ossos, foram tiradas fotos tal como aqueles estavam espostos (fotos 23 a 27 em anexo). Retirou-se então o crânio e o maxilar superior, assim como o crânio de um cão que se encontrava junto devido ao facto de o resto das ossadas se encontrarem debaixo de eventual desabamento de pedras desta gruta. O crânio humano foi colocado num saco de plástico, tendo-se colocado noutro saco



o crânio do cão, assim como o maxilar superior. Ambos os envólucros foram introduzidos no saco de material; no local da abertura do algar iniciou-se a subida, com o material que foi possível recolher.

Chegando ao cimo do algar, cerca das 18h 30m, foi feita a abertura dos sacos que continham o material, diante das pessoas atrás mencionadas e, depois de um exame por observação directa das ossadas, depreendeu-se que se trataria de um individuo relativamente jovem devido ao facto de que os dentes que se encontravam no maxilar superior estarem em bom estado de conservação. Dado o adiantado da hora, e estando o dia já escurecido não foi adiantado mais algum comentário. Foram então as ossadas novamente introduzidas nos respectivos sacos, ficando estes na posse do 1º. Sub-Chefe João Cardoso. Retirou-se o equipamento do local de amarração, e antes de retirarmos do local foi feita uma vistoria geral para verificar se não tinha ficado algum material atrás.

Seguiu-se então para as viaturas onde se colocou o material usado. Às 19h, saída do local (junto ao Cabeço Bravo) chegando-se ao Quartel dos Bombeiros pelas 19h 30m.

Mais tarde, e depois do duche e jantar, foi arrumado o material nos sacos para, no dia seguinte, seguir para a ilha Terceira.

12 de Janeiro de 1995

- Pelas 9h pequeno-almoço;
- Cerca das 10h, declarações na PSP da Madalena, com o Sub-Chefe João Cardoso;

- 11h, ida para o aeroporto com o senhor comandante dos Bombeiros da Madalena e, por volta das 12h 15m, regresso à ilha Terceira, no ATP da SATA Air Açores "Santa Maria";

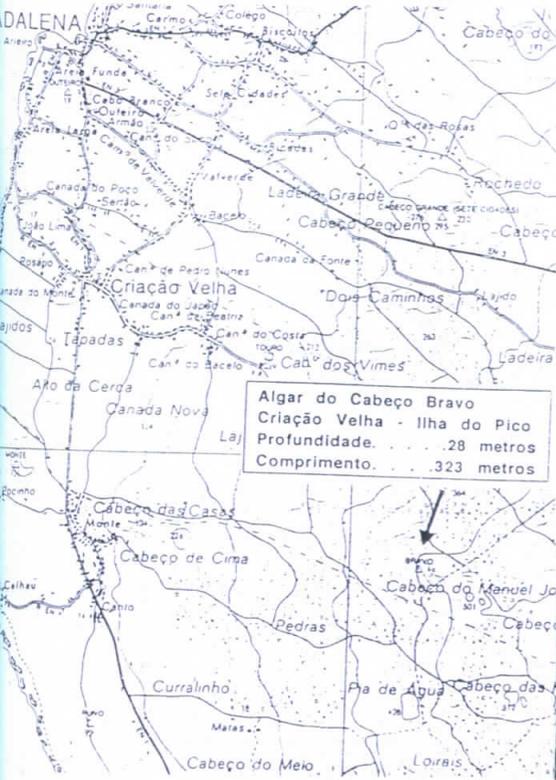
- Chegada ao aeroporto das Lajes, ilha Terceira cerca das 12h 45m;

- Regresso a Angra do Heroísmo às 13h, em viatura do Serviço Regional de Protecção Civil dos Açores.

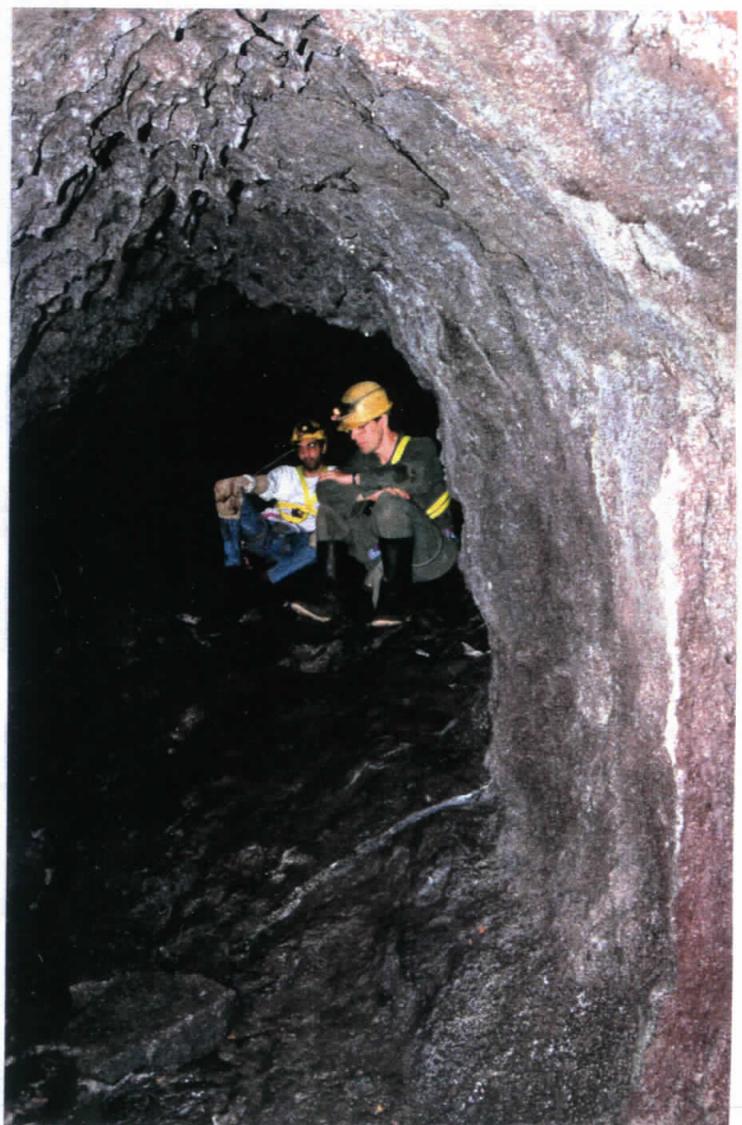
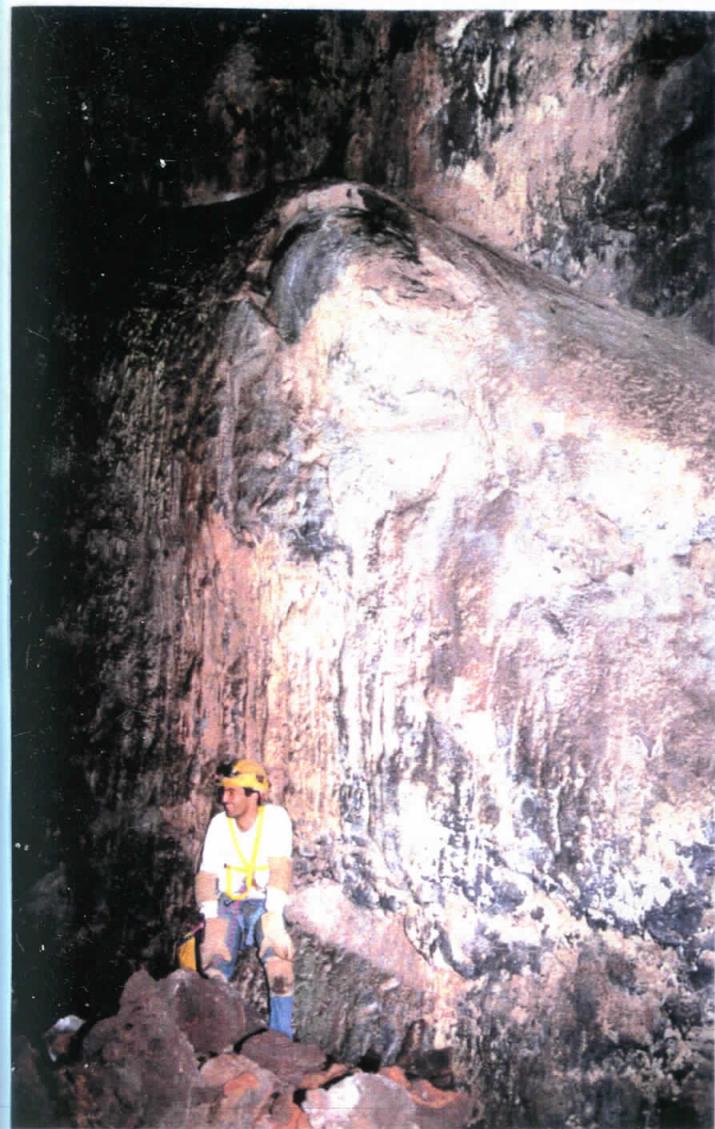
Angra do Heroísmo, 20 de Janeiro de 1995
"Os Montanheiros"
O Espeleólogo

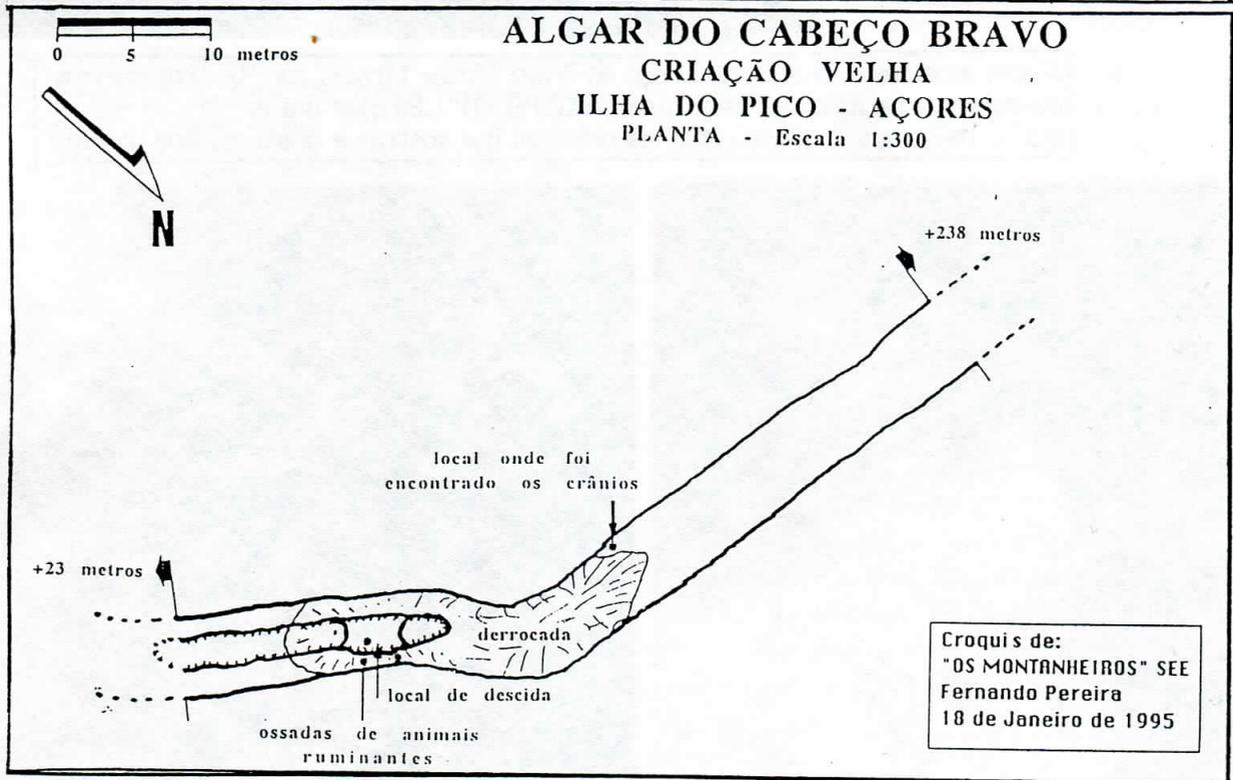
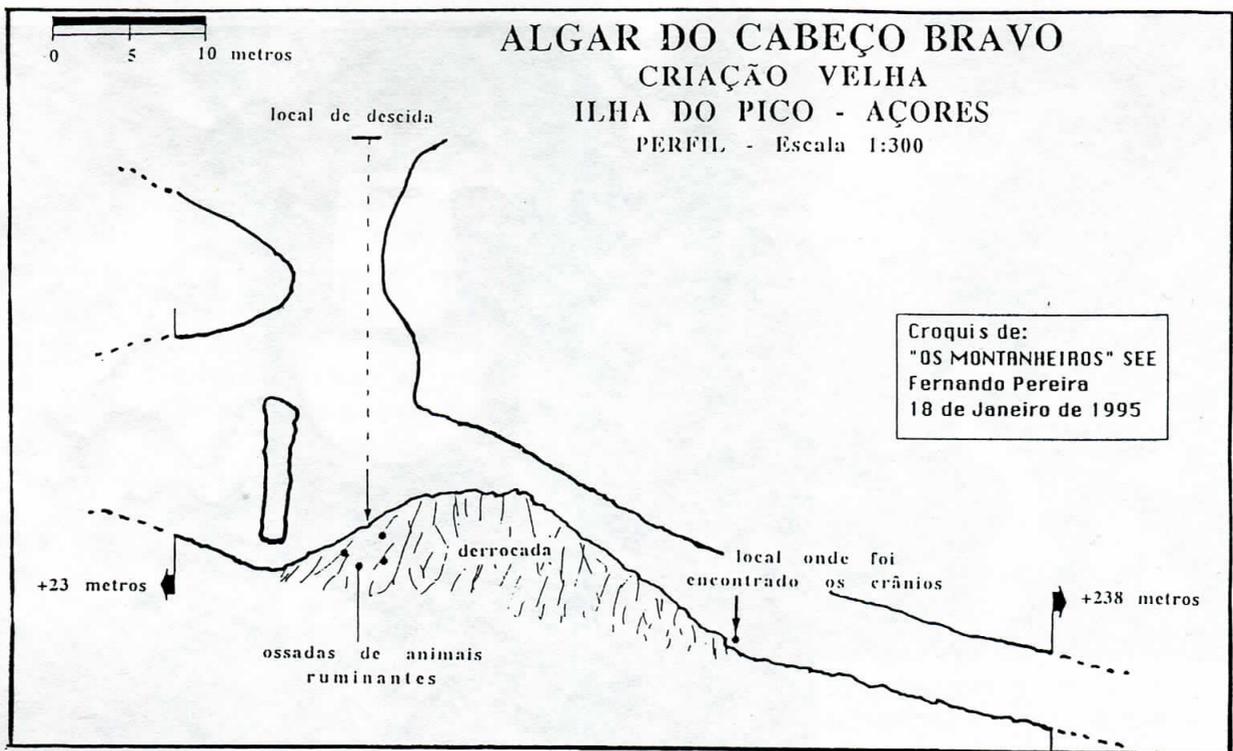


Fernando Pereira



Alguns aspectos do Algar do Cabeço do Bravo (fotos tiradas por "Os Montanheiros" aquando da expedição espeleológica "ARCOSPEL-91"). Em cima, uma amostra, ao que se supõe, de gesso; em baixo: duas panorâmicas que mostram a grandiosidade do Algar





CABEÇO DO BRAVO - Mistérios d'um Algar

1. OS ALGARES QUE TEMOS

A par com um sem número de grutas, são também inúmeros os algares existentes na ilha do Pico, a maioria dos quais guarda no seu interior variadas formações geológicas desconhecidas de qualquer ser humano. A frequente toponimização local de vocábulos como "Algar" e "Algares" confirmam a presente afirmação.

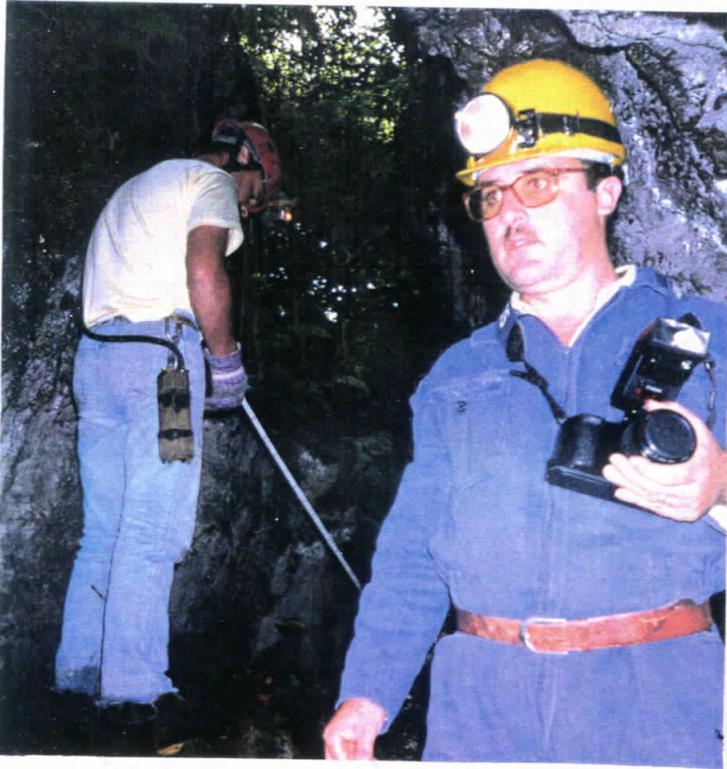
Desde sempre os algares foram vistos pelas populações da ilha como espaços misteriosos interditos ao conhecimento do homem. O imaginário popular desenvolveu vasta criação lendária relativamente a estas formações vulcânicas, ligando-as quase sempre a ideias de infinito. Acerca dos algares, o povo conta as estórias mais diver-

sas de animais e objectos perdidos para sempre nos abismos sem fim, ou inexplicavelmente aparecidos a grandes distâncias nas arribas recortadas e nas enseadas insulares, depois de terem caído pelas bocarras profundas do interior mais elevado, e percorrido as entranhas telúricas da ilha.

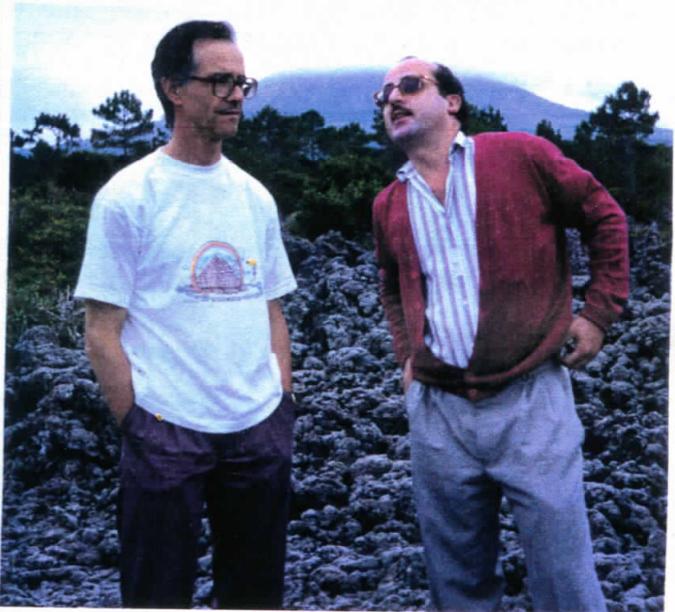
Colectivamente assumido o mistério e aceite o inexplicável segredo da Natureza, os homens do Pico, maioritariamente camponeses, veem em cada algar um estorvo às suas explorações agrícolas e pecuárias. Consideram-nos espaços superficialmente inúteis que oferecem perigo de queda aos gados de criação. A fim de evitarem perdas e prejuízos, procuram eliminá-los, tanto quanto possível, recorrendo a aterros que a mecanização actualmente existente veio facilitar e desenvolver.

Por outro lado, o imediatismo cultural limitado e o sentido prático do camponês têm vindo a transformar os algares da ilha em depósitos de toda a espécie de detritos e coisas inúteis (por vezes, tóxicas) que convém fazer desaparecer. Por isso, se atiram, inconscientemente, para o desconhecido animais mortos, embalagens de produtos químicos, etc., sem se olhar a consequências...

.....



O articulista espeleólogo, acompanhando "OS MONTANHEIROS" (foto L.Pimentel, aquando da expedição "SPELEOVIMES-93")



Na ilha do Pico, entende-se por algares as formações cavernosas profundas, definidas à superfície por aberturas de forma variada, cujo acesso ao interior só é possível fazer-se no sentido vertical em relação ao subsolo.

Poderemos classificar estas formações naturais vulcânicas sob três aspectos distintos, que agrupo consoante a origem da sua formação e descrimino do seguinte modo:

- Cratera - por onde é expelida lava e outros produtos vulcânicos conduzidos para o exterior através da chaminé;

- Hornito - formação ocorrida por rompimento dos tubos lávicos, em virtude da pressão exercida no seu interior pelo volume das escoadas piromagnéticas;

- Abatimento - consequência de fragmentação e queda das lajes que formam os tetos das grutas.

A origem de qualquer destas ocorrências tem explicação simples, e os resultados e definição de cada qual, dentro das diferenças acima referidas, concluem-se e definem-se facilmente por observação directa.

Repartido entre o Cabeço do Bravo e o do Manuel João, há muito que conhecíamos este caso vago e impreciso mas, contudo, impressionante e curioso da narrativa popular. Faltavam-nos meios que permitissem investigar e confirmar a porção de verdade contida na nebulosidade da lenda.

2. A LENDA E A HISTÓRIA

Muitos são os algares do Pico inspiradores de "causos" estranhos, que se contam (ou contaram) de boca em boca alimentados pela imaginação das populações, e chegaram aos nossos dias em forma de lenda. Todavia, não deixa de haver, por vezes, algum realismo nos acontecimentos narrados. A dificuldade está em distinguir-se o fantástico do real, no apuramento essencial destas estórias que persistem e se prolongam, com as inevitáveis deturpações acumuladas de geração em geração.

Haverá pedaços de estória que são história autêntica e real, compreendida nesta dualidade admissível de que a história poderá ser lendária assim como a lenda poderá ser histórica.

Algumas pessoas de idade falam de um acontecimento muito antigo que confunde o Algar do Cabeço do Bravo com o do Cabeço de Manuel João, duas elevações muito próximas situadas na freguesia da Criação Velha.

A narração, um tanto confusa e muito diluída no tempo, é transmitida apenas por alguns idosos do lugar do Valverde e da freguesia da Criação Velha, e conta que, em tempos há muito idos, um homem daquela zona terá atirado, com uma pancada intencional, um jovem para o fundo de um algar. A confissão do acto terá sido feita pelo próprio homicida, anos depois do presumível acontecimento, quando ele, em enfermidade extrema, adivinhava a proximidade da morte.

A única divergência narrativa poder-se-à considerar de natureza geográfica. Isto porque, enquanto há quem afirme que o cenário da ocorrência foi o Cabeço do Manuel João, dizem outros que terá sido o Cabeço do Bravo.

A imprecisão local nunca será de considerar, atendendo à diminuta distância que separa os dois cabeços. As únicas variantes narrativas surgem como desvirtuações temporais criadas pela imaginação, e divagações transmitidas através da oralidade popular. Sem que alguém se atreva a afirmar convictamente qualquer das hipóteses como a mais correcta, o certo é que a estória, coincidente no essencial, acaba por divergir em pormenores que, em casos de rigor histórico, poderiam ter uma importância que não devemos atribuir neste particular. Aliás, ninguém argumenta ou reivindica maior veracidade histórica ao explicar "ter ouvido dizer" que o Cabeço do Manuel João é assim chamado justamente pelo facto de o suposto indivíduo atirado ao algar ter esse nome.

O mesmo acontece relativamente à outra face da lenda, com maior número de adeptos, que defende a origem do nome do Cabeço do Bravo. Segundo estes, aquele monte terá sido propriedade de um homem temido na localidade, com fama de muito mau e vio-

lento, a quem chamavam, por alcunha justa e apropriada, "O Bravo". Seria esse mesmo "homem bravo" o assassino confesso, "in extremis", do tal rapaz desaparecido provavelmente há mais de um século.

3. A REVELAÇÃO

O Algar do Cabeço do Bravo, com cerca de 28m de profundidade na vertical, já em 8 de Junho de 1991 fora descido pelos MONTANHEIROS sem que, para além da sua beleza natural e das vulgares ossadas, se tivesse reparado em algo de estranho ou de anormal existente no seu interior.

Igualmente o Algar do Cabeço do Manuel João, com 69m de profundidade, foi descido em Junho de 1993 pelos MONTANHEIROS que, dada a configuração desta unidade espeleológica, lhe chamaram muito apropriadamente "Algar da Ampulheta. Na altura, recordando a lenda, alertei os elementos que desceram ao fundo deste algar para a eventualidade de encontrarem vestígios de algum esqueleto humano. Embora motivados e despertados para o caso, os MONTANHEIROS confessaram só terem encontrado ossos de animais, admitindo, embora, que um monte de pedras verificado no fundo pudesse esconder outras peças ou fragmentos mais antigos.

Em finais de Dezembro de 1994, fui contactado por elementos do ESPELEO CLUBE de Torres Vedras que pretendiam explorar algumas grutas e algares na ilha do Pico. Estes espeleólogos vinham já indicados pelos MONTANHEIROS e, conforme combinado antecipadamente, acompanhei-os e informei-os dentro das minhas disponibilidades.

Depois de terem visitado algumas grutas no Pico, os elementos do ESPELEO CLUBE de Torres Vedras foram até ao Faial, onde se encontraram com o recém criado grupo de espeleologia da AZORICA que manifestara pretender alguns contactos com estes espeleólogos, a fim de adquirirem experiência e informações necessárias.

No dia 4 de Janeiro de 1995, dois elementos do ESPELEO CLUBE de Torres Vedras, acompanhados de alguns elementos da AZORICA, voltaram ao Pico com a finalidade de prosseguirem trabalhos já iniciados, mormente no campo da espeleologia vertical.

Por minha indicação pessoal, desceram nesse dia o Algar do Cabeço do Bravo e, talvez porque o relato do antigo caso lendário que lhes transmitira anteriormente os impressionasse e espicaçasse a curiosidade, foram examinando todos os pormenores à vista de maneira que, cerca de 30m andados no interior da gruta, depois de terem passado por muitos ossos de bovinos, sempre vulgares nestes locais, encontraram um esqueleto humano deteriorado, cujo crâneo continha ainda o maxilar superior com a dentição completa.

Quando o Adriano e o Hugo, do ESPELEO CLUBE de Torres Vedras, me informaram do achado que eles próprios haviam presenciado, julguei estar encontrada a prova real da estória lendária já conhecida de poucos.

No dia 7 de Janeiro de 1995, apresentei-me no Posto Policial da Madalena, acompanhado de um representante da AZORICA, onde participei a ocorrência.

...Finalmente a lenda antiga começa a tomar forma de realidade...!

MADALENA - PICO, Fevereiro/1995

ALBINO TERRA GARCIA

TRABALHOS DE CAMPO

MES DE JANEIRO (Dias 22 e 29):

© Uma vasta equipa de "OS MONTANHEIROS" deslocou-se aos "Funis" (freguesia do Raminho), a fim de se dar continuidade aos trabalhos de desobstrução do célebre Algar mencionado pelo cientista francês Fouqué, aquando da sua estadia na ilha Terceira, em 1867, referindo ser a sua profundidade de cerca de 300m (estimativa).

Actualmente, o Algar encontra-se obstruído, ignorando-se se por acção do homem ou devido a desabamentos naturais.

Há cerca de três anos, "Os Montanheiros" resolveram "atacar" este Algar, dando início, então, aos trabalhos de desobstrução até uma profundidade de 5 metros.



Só agora foi possível dar continuidade aos trabalhos, mas ainda nada se conseguiu de concreto, dadas as circunstâncias específicas do local, tornando-se cada vez mais difícil os trabalhos de desobstrução à medida que se vai penetrando em profundidade.

(José Maria, Fernando Pereira, Luis Vasconcelos, Adam Casinha, Paulo Barcelos, Filipe Silveira, Ricardo Silveira, Nuno Mota, José Carlos Silva, Paulo Dinis, Jorge Rego, Nuno Gonçalves e Dário Furtado)

MES DE FEVEREIRO:

© -Dia 12 (José Maria e Luis Vasconcelos)- Deslocação à freguesia do Posto Santo, ao vasto "biscoito" entre o Pico da Bagacina e a área de "Moçambique", a fim de se fazer um reconhecimento a este derramento, na tentativa de se encontrar algum tubo lávico. Pesquisada toda a área, nada de interesse foi encontrado, para além de pequenas bolhas vulcânicas;

Também se fez a prospecção a dois pequenos buracos no "Outeiro da Doninha" (na freguesia dos Biscoitos), junto à Gruta da Malha, tudo levando a crer que farão parte desta.

© - Dia 19 (José Maria, Fernando Pereira, Luis Vasconcelos e Filipe Silveira)- Reconhecimento de terrenos nos arredores do Pico do Enes (freguesia de Santa Bárbara), onde, na voz popular, se dizia existir um Algar. Nada foi encontrado.

© -Dia 26 (José Maria, Luis Vasconcelos, Adam Casinha e Fernando Pereira)- Reconhecimento ao cimo da Serra de Santa Bárbara, na tentativa de se encontrar o "atalho" do Túnel que liga o alto da serra à freguesia das 12 Ribeiras. Dadas as boas condições climáticas, foi fácil localizá-lo, bem como à nascente na encosta do "Vale dos Leões", no interior da Caldeira, junto ao Túnel (Mina Grande).



(in "Expresso REVISTA",
nº 1154, de 10/12/1994)

DESCIDA AO SEPULCRO

A SERRA DE MONTEJUNTO ACABA DE REVELAR UMA GRUTA DE GRANDES DIMENSÕES

QUE SERVIU DE NECRÓPOLE HÁ MAIS DE 5000 ANOS

Texto de RUI DE CARVALHO e fotos de JORGE SIMÃO

A GRANDE motivação do espeleólogo quando entra numa gruta é pisar onde jamais homem algum pisou. Foi essa aspiração que levou os heróis de Jules Verne a penetrarem nas entranhas da Islândia rumo ao centro da Terra. É a busca dessa emoção que motiva todos os exploradores. Então, podemos adivinhar alguma desilusão no explorador que encontra vestígios de presença humana anterior no local onde julgou ser o primeiro?

Nada disso. «Foi então que senti o êxtase do explorador. Embrenhado no inóspito âmago da rocha e banhado pela atmosfera tenebrosa de um túmulo milenar intacto, saboreei a sublime emoção da descoberta», conta Frederico Regala, o jovem espeleólogo que primeiro vislumbrou as ossadas do sepulcro que durante mais de cinco mil anos guardou um «tesouro» arqueológico no algar do Bom Santo, na Serra de Montejunto. A emoção que a descoberta da história sempre desperta, suplantara a desilusão de não ser o primeiro naquele mundo subterrâneo. E ali estava, um pouco mais abaixo, a prova literal desta constatação: um conjunto de pegadas bem impressas na argila húmida. Aquele chão já fora pisado — mas há milénios. Provavelmente pelo último homem que ali foi depositar o cadáver do seu ente querido, antes de a serra se fechar aos homens da Idade da Pedra Polida. O período a que os arqueólogos chamam Neolítico final.

Frederico Regala descobriu a entrada da gruta durante uma prospecção que fizera naquela encosta da serra de Montejunto com um grupo de colegas da Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente de Torres Vedras. «O algar estava entulhado ao nível da entrada com calhaus, por entre os quais lançávamos pequenas pedras que, conforme ouvíamos, reboavam durante alguns segundos», conta.

Foi no dia 20 de Junho do ano passado que os jovens espeleólogos decidiram explorar a nova descoberta.

Descobriram uma outra entrada num ponto mais alto da encosta, que permitia introduzir a cabeça e verificar que tinha continuação para baixo. Alargando um pouco o orifício e retirando algumas pedras, conseguiram ganhar espaço para a progressão. Mas a passagem só era suficiente para «expelindo o ar dos pulmões, conseguir passar o tórax e desobstruir mais à frente», diz Regala.

Depois desse trabalho, a abertura já permitia passar, mas numa posição muito difícil. «Depois de comprimir o tórax sobre um grande bloco, era preciso avançar alguns centímetros rodando o tronco até apoiar as costas no chão da galeria e, ao mesmo tempo, dobrar o corpo lateralmente ao nível da cintura de modo a vencer uma curva de quase 90 graus», prossegue.

Foi assim que Regala penetrou na gruta e a luz da lanterna lhe mostrou uma imensidade de esqueletos, e um pequeno objecto entre os ossos que lhe chamou a atenção. «Conduzi o foco de luz para o local e descobri uma concha furada na aurícula — um dos adornos típicos do homem pré-histórico», recorda.

Regala estava entusiasmado com a descoberta, mas foi chamado pelo colega Rui Mergulho, que o seguia e lhe pedia para desobstruir um pouco mais a entrada pelo lado de dentro. Assim fez, e Mergulho iniciou a entrada mas, quando encostou as costas, sentiu as pernas presas. «Com os calcanhares presos e a perna direita pressionada junto da articulação por uma aresta da rocha, fiquei absolutamente imóvel», relata Mergulho.

Depois de alguns esforços, o jovem percebeu que não seria fácil libertar as pernas. E recuar era absolutamente impossível devido à posição em que se encontrava. «Cada tentativa servia apenas para que a rocha exercesse pressão cada vez mais dolorosa sobre a perna», recorda. Apesar do sofrimento, Mergulho recusou a proposta dos colegas de chamarem os bombeiros. Preferia esperar pelo Paulo Pacheco, que



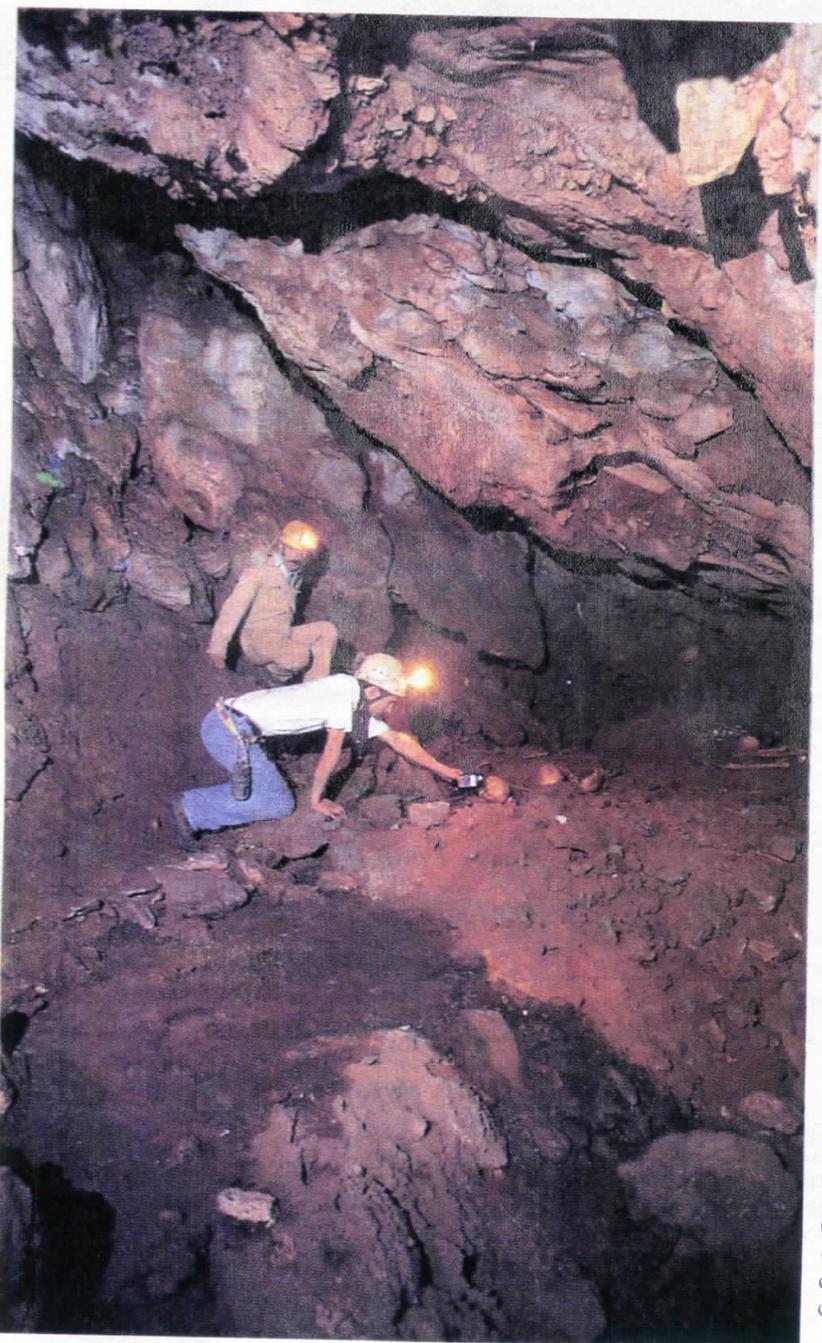
A entrada na gruta não é fácil, mas uma vez dentro das salas só o perigo de danificar as ossadas nos limita os movimentos

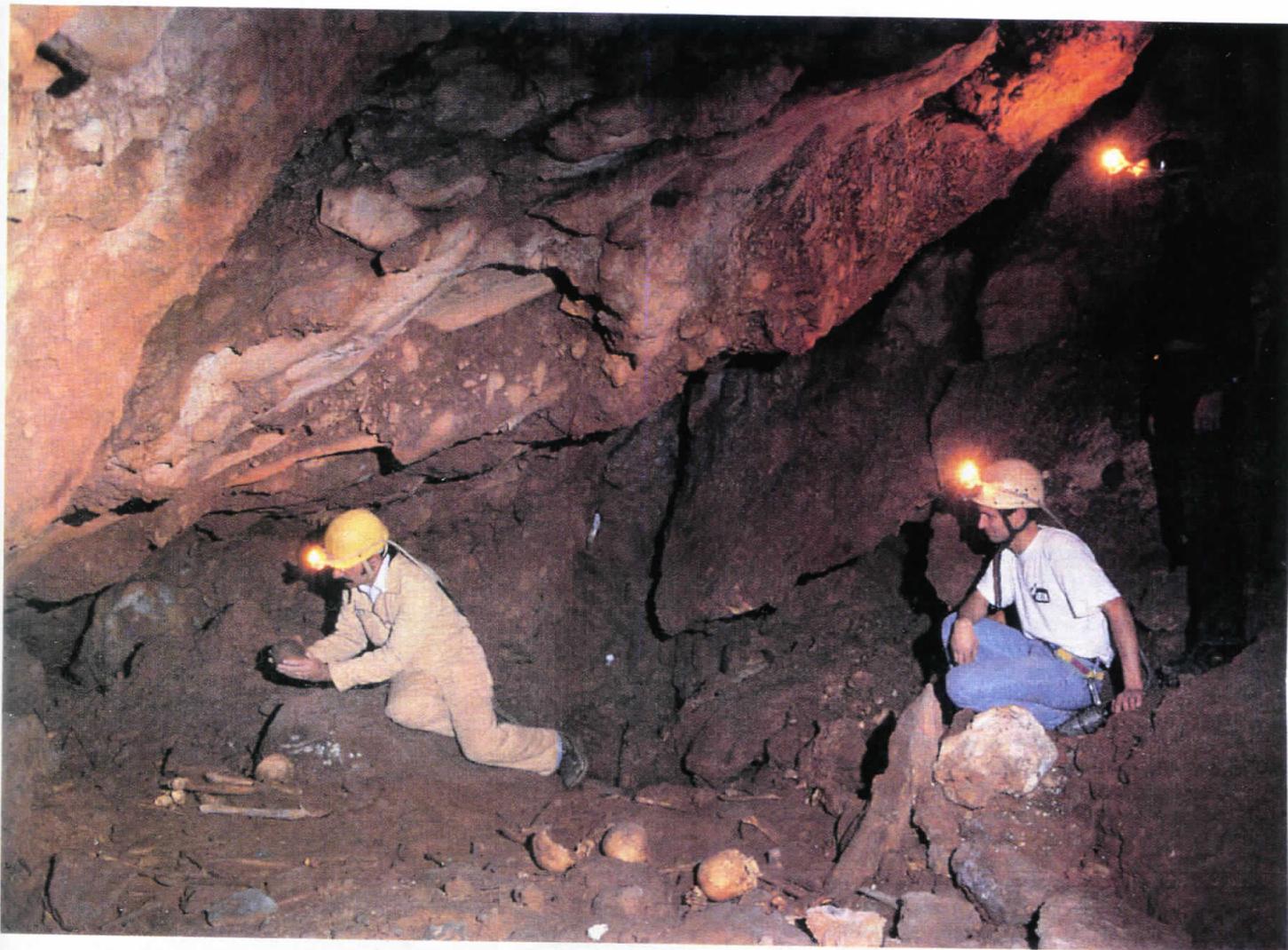
estava a 60 quilómetros, em Torres Vedras. «Não apenas por ser credenciado para salvamentos em grutas», explica Mergulho. «Era uma questão de confiança gerada ao longo de anos de explorações.»

Foi com o recurso ao macaco do carro que conseguiram finalmente elevar ligeiramente o bloco de rocha. O suficiente para o Mergulho escorregar pelo chão da gruta, «com um urro de dor, mas trazendo as pernas com ele», conta Regala. A partir do ponto de entrada, a progressão na gruta não oferecia qualquer dificuldade, tal como no dia em que o EXPRESSO a visitou. Apesar de ainda ser necessário franquear a entrada em posição deitada, os primeiros trabalhos de escavação já estavam realizados, e a única limitação na visita às diversas salas era a necessidade de não danificar o espólio.

Os jovens exploradores comunicaram o achado ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR) que, ao contrário do que sucede com muitos outros achados, promoveu rapidamente o estudo e preservação do local. Os especialistas envolvidos são o arqueólogo José Morais Arnaut, do IPPAR, e a antropóloga Cidália Duarte, actualmente a fazer doutoramento na Universidade de Alberta, no Canadá.

Mais esquecidos ficaram os heróis da descoberta. A sua associação nem dispõe de uma sede. Fizeram um notável levantamento topográfico da gruta mas é um trabalho que exige, pelo menos, um local onde montar um estirador. A Câmara de Torres Vedras não parece mostrar-se reconhecida. Veja lá, senhor presidente. Se vir bem, até é capaz de ter no seu município um desses programas de milhares de contos de «apoio» aos drogados. Olhe que estes jovens passam todos os tempos livres a «passar-se» na emoção da descoberta, «pedrando-se» com a preservação do nosso património. É o melhor combate à droga. ■





Texto de
JOSÉ ARNAUT*
CIDÁLIA DUARTE**

A flauta mágica

FORAM recentemente concluídas as primeiras investigações sistemáticas da gruta denominada «Algar do Bom Santo», na serra de Montejuento, utilizada como necrópole há cerca de cinco mil anos. Esta necrópole reveste-se de especial importância, não só no contexto português mas até a nível mundial, dada a enorme abundância e excelente estado de conservação das ossadas humanas encontradas. Uma primeira contagem dos crânios visíveis à superfície das várias salas e nichos em que a gruta se divide atingiu cerca de uma centena.

As escavações entretanto realizadas, financiadas pelo IPPAR e com o apoio logístico de diversas entidades, permitiram verificar a existência de muitos outros crânios, por vezes em pequenos grupos. Apesar de a maior parte dos cadáveres terem sido depositados à superfície e não enterrados, o bom estado de conservação do espólio arqueológico pode dever-se ao facto de a gruta ter sido selada por um enorme bloco de pedra após a sua última utilização como

necrópole e assim ter permanecido durante mais de cinco mil anos.

Não se encontraram até hoje quaisquer vestígios de ocupação humana atribuíveis a épocas posteriores ao Neolítico final. Assim, foi com um misto de espanto, emoção e entusiasmo contido que penetrámos pela primeira vez naquele espaço e contemplámos, em profundo silêncio, as salas peçadas de ossos humanos e as pegadas deixadas na argila húmida pelos derradeiros visitantes pré-históricos.

A extrema homogeneidade dos artefactos encontrados junto das ossadas permite afirmar que a gruta terá sido utilizada durante um período de tempo em que não houve mudanças na cultura material dos seus utilizadores. Embora não existam ainda datações pelo radiocarbono, por analogia com outras jazidas que apresentam características idênticas, calcula-se que tenha sido usada entre 3500 e 3000 anos antes de Cristo.

Os artefactos mais comuns até agora encontrados são lâminas e lamelas de sílex sem vestígios de utilização, bem como alguns utensílios feitos a partir de lâminas, como triângulos e trapézios. Os utensílios de pedra polida — enxós, cunhas, machados e outros instrumentos destinados ao trabalho da madeira ou ao cultivo dos campos — também são relativamente abundantes.

Os escassos ossos de animais encontrados foram utilizados para fabricar utensílios comuns, tais como furadores, espátulas e ainda o mais extraordinário artefacto até agora descoberto num contexto neolítico: um possível instrumento musical, feito a partir de

um osso de veado, para o qual não se acharam ainda paralelos exactos. Há também numerosas contas feitas de pequenos búzios, bem como braceletes e pulseiras feitas do gume de conchas ou de calcário, duas das quais envolvem os ossos do braço e do antebraço.

A cerâmica é bastante rara, embora tenha sido encontrado um vaso esferóidal inteiro, sem qualquer decoração, e raços fragmentos de vasos, um deles com pega vertical e decoração.

ASSENTO PERPÉTUO

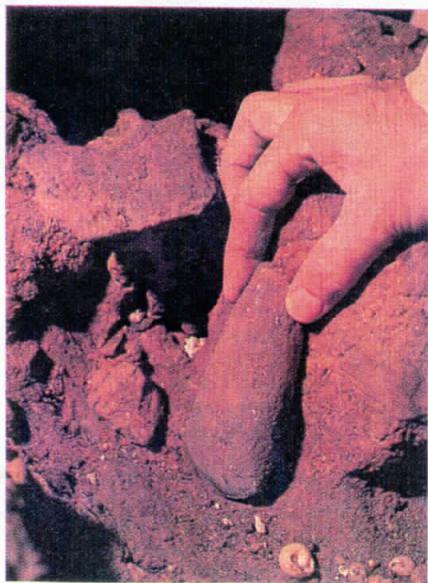
ENQUANTO em muitas outras necrópoles neolíticas o arqueólogo se debate com uma deposição complexa de camadas antes de poder interpretar o posicionamento dos esqueletos, nesta gruta as transformações posteriores à deposição parecem de tal forma reduzidas que essa interpretação se torna mais fácil. A multiplicidade de utilizações do espaço da gruta de-

monstra que existem diferenças na forma de deposição dos corpos e que esta não parece ser caótica ou descuidada.

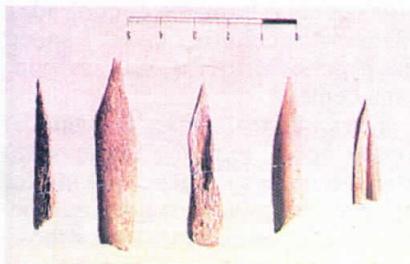
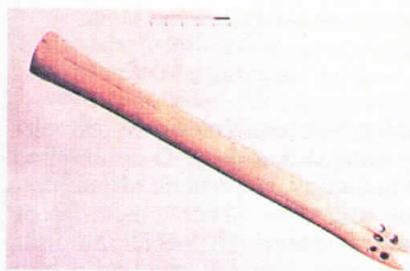
Encontram-se áreas com deposições colectivas, em que o esqueleto do tronco e membros se encontra separado do crânio, em núcleos de cerca de meia dúzia de indivíduos. Noutras situações, vemos esqueletos individualizados, com associação de quase todos os ossos, mas envolvidos num espaço de enterramento comum. Vêem-se ainda alguns indivíduos mais isolados, por vezes encaixados entre derrubes, nuns talvez naturais mas noutros aparentemente intencionais, como se fossem arranjos de nichos.

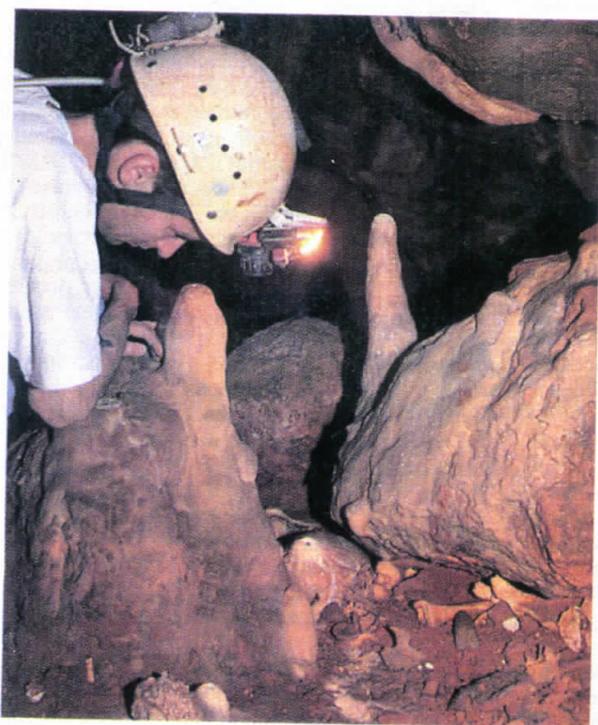
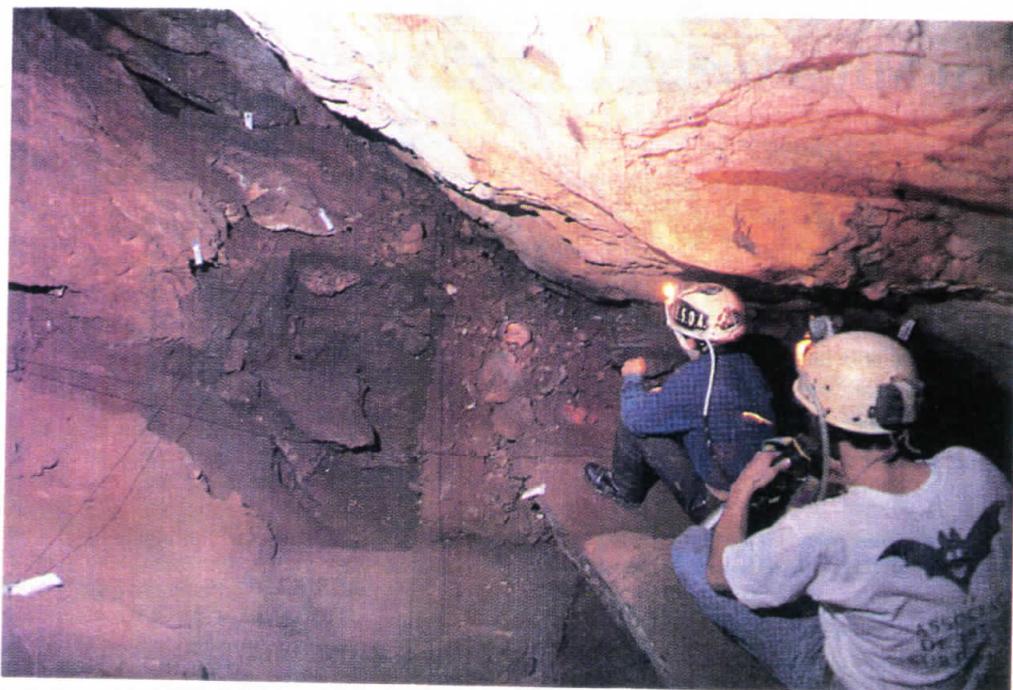
Embora se tratem de formas de enterramento diversas, todas se inserem em espaços comuns, em áreas mais ou menos abertas e visíveis da gruta. A única excepção detectada é a do corpo de uma mulher adulta que se encontra numa sala sem quaisquer outras ossadas associadas. As campanhas arqueológicas que se irão realizar de futuro poderão permitir analisar a complexidade das múltiplas formas de enterramento nesta necrópole.

Na campanha que agora terminou, foram escavados 16 metros quadrados numa sala da entrada da gruta, que presentemente se encontra dividida mas que na época de utilização da gruta como necrópole deverá ter constituído um espaço único, mais longo. O levantamento e desenho do espólio foi realizado a três dimensões e à escala de 1 para 5. A crivagem por via húmida da terra saída da gruta permitiu a recolha de minúsculas contas discóides de xisto, bem como de microfauna. A análise das pequenas espécies representadas, em comparação com a danificação visível nos ossos humanos, poderá contribuir para o conhecimento sobre a interferência de pequenos roedores no processo de decomposição dos corpos.



FOTOS: JORGE SIMÃO





Se a réplica que vai ser construída confirmar que os habitantes neolíticos da Estremadura já fabricavam flautas, Portugal ficará na história da arqueologia mundial

Pela acumulação dos ossos em estrela que é possível observar nos esqueletos completos depositados à superfície deduz-se que os corpos foram depositados em posição flectida, talvez sentados. É

também possível ver que, nesta sala, foi utilizado o mesmo espaço circunscrito para depor indivíduo após indivíduo, numa sucessiva acumulação de ossadas humanas. ■

** Arqueólogo, IPPAR
** Antropóloga, Universidade de Alberta, Canadá*

(in "Expresso REVISTA", nº 1154, de 10 de Dezembro de 1994)

O T E M P O
E AS PALAVRAS

L. CRESPO FABIÃO*

RAPSÓDIA... EM VERDE

Etimologicamente, que é como quem diz originariamente, **VERDE** provém do latim **viride**, com a tónica na primeira sílaba, e tanto significa «verdejante» como «fresco, jovem e vigoroso». Por sua vez, este **viride** latino bebe numa fonte bastante mais antiga, a raiz indo-europeia **VI** — que ainda subsiste, viçosa e exuberante, em palavras bem portuguesas como «viril, virago, virilha, virtude» (isto é: **viritude**, «força própria dos homens»), vida, viver, vitalidade, vigente, violar («exercer força/violência sobre»), etc. Obviamente, em todas elas se sente a presença do substantivo latino **vis**, «força», filho legítimo desse velho-revelho radical indo-europeu **VI**.

VERDE, no sentido de «cor que no espectro solar se situa entre o amarelo e o azul», é palavra antiquíssima na língua portuguesa, pois já se documenta, imaginem, no remoto século X, mais precisamente no ano de 960.

É a cor mais frequente no reino vegetal e a nossa língua dispõe de uma legião de termos, alguns bem poéticos e evocativos, para lhe exprimir os matizes: «verde-alface, verde-azeitona, verde-esmeralda, verde-alga, verde-sujo, verde-pavão, verde-garrafa, verde-limo, verde-cobalto, verde-ervilha», um nunca-acabar de cambiantes de **VERDE**. Língua milionária, esta nossa língua portuguesa!

Além de que o termo **VERDE** entra na composição de várias expressões consagradas, de base metafórica, como: «pano verde» (mesa de jogo, talvez para encorajar o jogador: **verde** é símbolo de esperança) e «monstro de olhos verdes», como Shakespeare elegantemente chamou ao ciúme, no **Mercador de Veneza** e no **Otelo**.

Tudo isto, porém, são termos e locuções já velhas, algumas idiomáticas e até internacionais. Ultimamente, no entanto, quase de súbito, como numa grande explosão inesperada, a língua enriqueceu-se de outros **VERDES**, o **verde**, por ex., dos problemas e da política agrícola, sobretudo os da Europa **verde**, no seio da Comunidade Europeia e do Mercado Comum.

Talvez o leitor, menos atento, nem tenha reparado que nas três últimas décadas surgiu nos meios de comunicação de massa uma torrencial multidão de neologismos fabricados na base de **VERDE**, no sentido de «ecológico».

Como se gerou este gosto-mania das expressões com **VERDE**? Nos inícios dos anos 70 começam a aparecer, mais conspicuamente na Alemanha Federal, grupos de pessoas que, preocupadas com a poluição do meio ambiente e os efeitos catastróficos da energia nuclear, decidem unir-se e lutar, pública e organizadamente, pelos seus ideais pró-ecologia.

Assim, em 1980, esses grupos registam-se como partido político e em Janeiro de 1984 conseguem fundar o ambicionado Partido Europeu dos **Verdes**.

A partir daí, desencadeiam entusiásticas campanhas de nível mundial (militância dos prosélitos!), cujo objectivo é acordar a sociedade descuidosa para os problemas do ambiente, no sentido lato da palavra.

Assim é que, ao longo da década de 80, o vocábulo **VERDE** começa a tornar-se extremamente popular nos «media» internacionais. E a torrente «verde», na nossa década, não tem



«Nos meios de comunicação surgiu uma multidão de neologismos fabricados na base de verde, no sentido ecológico»

parado de engrossar.

Observe-se este conjunto, fruto de compilação minha em revistas e jornais portugueses contemporâneos. Pode-se, por ex., «votar **verde**». Fala-se abundantemente de «pulmão **verde**», no sentido de «zona da Natureza que produz grandes quantidades de oxigénio vegetal»; vende-se «gasolina **verde**», destilada de matérias vegetais tão inocentes como a batata e o açúcar; publicitam-se as «zonas **verdes**», plantadas de árvores, arbustos e relvados, geralmente à beira de grandes bairros ou mesmo cidades, que funcionam por vezes como território-tampão entre duas zonas densamente povoadas; todos os dias se tecem hinos de louvor à «revolução **verde**», desencadeada principalmente nos países do Terceiro Mundo, onde se conseguiu aumentar notoriamente a

produção agrícola, fruto de novos tipos de colheitas, fertilizantes revolucionários e mecanismos mais sofisticados. Quem não ouviu ainda falar das novas «cinturas **verdes**», com jardins e parques onde, por lei, é proibido construir casas ou fábricas poluentes, escapando ao mesmo tempo da avidez gananciosa de tantos construtores civis! Tropeça-se a cada passo na expressão técnica «energia **verde**», que é a energia solar armazenada nas plantas e passível de ser reutilizada pelo homem, graças aos milagres da fotossíntese. E as «moedas **verdes**», euro-moedas artificiais, criadas em 1969, para transacções entre lavradores, tendo em mira defenderem-se da instabilidade e flutuações de outras moedas menos fidedignas? Daí os «dólares **verdes**», os «francos **verdes**», as «libras **verdes**», o «marco **verde**»...

O adjetivo «invadiu» os mais variados sectores da vida social. Que dizer das «marchas **verdes**» (promovidas estrategicamente pelos adeptos dos **Verdes**)? E o «telefone **verde**», que dá informações gratuitas aos jardineiros-de-fim-de-semana? E as «motorizadas **verdes**», pouco ou nada poluentes, para excursões aos campos e aos bosques e florestas? E o «turismo **verde**», orientado para bucólicas zonas rurais, propícias ao campismo desintoxicador? E até as «aulas **verdes**», em que os alunos passam temporadas em escolas de aldeia, em regime de intercâmbio, e em que as aulas científicas alternam com revigorantes actividades ao ar livre? E as chamadas, «manifestações **verdes**», com inaugurações de jardins e plantação de árvores pelo senhor burgomestre? Há até «lápís **verdes**», fabricados com materiais recicláveis, biodegradáveis e «trincáveis», dada a ausência de verniz!

A lista é longa, potencialmente interminável. O espaço desta página, porém, não o é. Rogo ao leitor «luz **verde**» para acabar.

*Docente na Faculdade de Letras de Lisboa

ALGAR DO CARVÃO (BEMFEITORIAS)

Aqui estamos novamente a escrever sobre o ALGAR DO CARVÃO, preocupação constante de "OS MONTANHEIROS", que tomaram sobre si a gestão e preservação do mais significativo símbolo vulcanológico da ilha Terceira e um dos principais dos Açores.

A sua importância geoespeleológica tem sido apontada por diversos especialistas nacionais e estrangeiros que tiveram oportunidade de observar esta notável chaminé vulcânica, internamente revestida de formações de sílica, e em cujo fundo existe uma pequena lagoa, alimentada por infiltrações pluviais e ornamentada com belas estalactites e estalagmites.

O ALGAR DO CARVÃO é, quiçá, o principal ponto de atracção turístico da ilha, na sua vertente geomorfológica, podendo inclusivé servir de referencial a estudos estatísticos sobre os visitantes da Terceira.

O ALGAR DO CARVÃO vem sendo objecto de melhoramentos, em ordem a torná-lo sempre mais real e verdadeiro aos olhos de quem o visita.

Primeiramente, foram as estruturas de apoio exterior, cuja fase se encontra concluída, tornando-se agora necessário proceder a melhoramentos no interior do Algar, sobretudo no que concerne à iluminação, dado que a existente já tem oito anos de vida, não oferecendo garantias futuras.

Do projecto elaborado, e das acções programadas, aqui se deixam as respectivas linhas de orientação:

1 - OBJECTIVOS A ATINGIR - substituição de todo o equipamento eléctrico existente no interior do Algar, em virtude do estado de degradação em que se encontra, provocado pelo poder corrosivo da água que sobre ele incessantemente pinga (quadros eléctricos, projectores e cabos); obras de melhoramento nos acessos e escadarias;

2 - TRABALHOS ELECTRICOS A EXECUTAR - iluminação da chaminé, tendo em vista as visitas nocturnas, e para destaque da vegetação existente; iluminação das várias abóbadas existentes, de forma a dar realce às respectivas formações de sílica; iluminação adequada para as passadeiras, patamares e escadarias; montagem de um sistema de intercomunicadores entre o Algar e a Casa-Abrigo; montagem de uma linha para sonorização da gruta (para música ambiente e transmissão de informações úteis para os visitantes); montagem de um sistema de protecção às formações geológicas e para segurança dos visitantes (câmaras de video);

3 - OBRAS EM ALVENARIA E CIMENTO (cujo objectivo é o de disfarçar os trabalhos humanos ali efectuados ao longo do tempo, e utilizando para o efeito pedra do interior do próprio Algar) - correcção dos degraus das escadarias de acesso ao interior do Algar; construção de muros de protecção em diversos locais, designadamente sobre zonas de precipício; correcção do pavimento e degraus do pavimento sobre a



lagoa; construção de muro de vedação no último troço da escadaria de acesso à lagoa (guardas laterais, cobrindo-se o corrimão em tubo zincado); construção de muro de protecção no patamar da lagoa;

Também se prevê a construção de um novo troço de túnel destinado a fazer a ligação entre a Casa-Abrigo e o túnel já existente, aproveitando-se a abertura da vala para a passagem dos novos cabos que irão transportar a energia fornecida pelo gerador.

4 - ENTIDADES FINANCIADORAS : Secretaria Regional do Turismo e Ambiente, Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Habitação, Obras Públicas, Transportes e Comunicações; e "OS Montanheiros";

5 - PROGRAMAÇÃO DAS ACÇÕES -

- Fevereiro de 1995 (entrega do projecto e recepção do orçamento da Philips);
- Março de 1995 (apresentação do pedido de subsídio à S.R.T.A.);
- Abril/Maio de 1995 (início e conclusão das obras).

Todos os trabalhos a efectuar serão fiscalizados pela Delegação de Ambiente da Ilha Terceira e pelo arquitecto João Araújo, prevendo-se um total de despesas na ordem dos treze mil contos.

Uma vez concluidos os trabalhos, o ALGAR DO CARVÃO reunirá todas as condições a uma cómoda, relaxante e capaz visita por todos os que gostam do contacto com a Natureza naquilo que esta tem de mais impressionante e determinante.



Um aspecto da mais bela e característica formação geológica do Algar do Carvão

BIBLIOGRAFIA

"VIAGENS GEOLÓGICAS AOS AÇORES", Mr. F. Fouqué, 1873

III

Ilha do Fayal

Fayal é uma pequena ilha de forma arredondada, aonde o movimento commercial é mais importante do que seríamos levados a imaginar attendendo ao circunscripto daquelle cantinho de terra. É um ponto pouco afastado das grandes rotas marítimas mais frequentadas do Atlântico. O porto da Horta, capital da ilha, é principalmente visitado pelos navios que regressão à Europa, vindos da America do Sul ou do Cabo da Boa Esperança, que precisam refrescar ou concertar avarias soffridas. Importantes depositos de carvão, armazens sortidos de aprestes marítimos, abundando em viveres, proporcionam todos os socorros de que carece a navegação geralmente. As balieiras americanas que se entregam à pescaria do sperma-cetoe nos mares visinhos aportam ahi tambem para se abastecerem e depositar os productos da sua pescaria. Fazem, finalmente, uma exportação consideravel de laranja para a America do Norte, e tudo faz esperar que o commercio dos vinhos, outrora florescente, e presentemente aniquilado por effeito da molestia da vinha, resurgirá um dia.

A cidade da Horta estende-se à beira-mar, pittorescamente situada defronte da ilha do Pico. A bahia cujo fundo ella occupa não fica exposta sem defeza natural à acção do vento senão pelo lado do sudeste. Ao sul projecta-se um promontorio, composto de massas enormes de lava vermelha ou preta designado pelo nome de Monte Queimado. Nada mais lugubre que o aspecto desta penedia cuja côr conserva sua intensidade desde o dia em que perdeu a sua escandescencia. O mar, investindo constantemente contra ella, encarrega-se de renovar a superficie e de lhe manter a viveza das tintas. Comtudo a porção culminante do massiço offerece uma pequena chã sobre a qual ha uma encantadora vivenda rodeada de relva e jardins. O monte queimado bem que constitua um promontorio, offerece caracteres semelhantes aquelles dos zimbórios volcanicos que se encontram no interior. Por consequencia, se a erupção a que deve a sua origem teve principio no seio das ondas, é provavel que a bocca do volcão fora prontamente posta ao abrigo do mar, quer por um movimento ascendente do solo, quer pela aglomeração das primeiras materias arrojadas pela fornalha ardente.

Mais saliente para o lado do sul, e unido ao antecedente por uma lingua estreita de areia, acha-se um outro cone volcanico muito mais consideravel ainda cuja posição de sentinella avançada lhe fez dar o nome de monte da guia. Este é incontestavelmente de origem submarina: compõe-se de camadas de tufo sobrepostas, estratificadas parallelamente às encostas da superficie. O lado voltado para a cidade offerece ao contrario um pendor sufficientemente doce para admittir cultura; é dividido em quartéis regulares dos quaes uns são jardins e outros terra lavradia. Atalhos abertos pelo meio deste campo conduzem até ao alto do monte. De lá, o interior da cratera apresenta-se sob a forma de um immenso funil entreaberto pelo lado do sul. O mar penetra pelo chanfro, e cobre todo o fundo desta vasta depressão, conhecida pelo nome de caldeira do inferno. Os navios mercantes, que às vezes se abrigavam ahi dos ventos do nordeste parecem bem pequenos ao pé da gigantesca circumvalação que os domina, e bem temerarios quando se considera que tomaram por refugio a propria bocca de um volcão.

Exteriormente, do lado do sudoeste, o monte da guia, profundamente escavado pelo mar, é minado por grutas deliciosas que se percorre em barcos, podendo-se então observar o talhe das fiadas de tufo. As lavas basalticas que ahi perto vem num declive doce até à beira mar da ilha pelo lado do sul, são igualmente carcomidas pelas ondas; algumas, intactas na parte superior, apresentam falhas na base e semelham-se por consequente às arcadas em ruinas de um antigo aqueducto.

As casas de campo luxuosas, predios embellezados de risonhos jardins e abrigados do vento por altas paredes de lava, choças accadinhas, encontram-se em toda a extensão do caminho daquelle lado. Sob o ameno ceo dos Açores, esta parte da ilha do Fayal parece mais gozar de um clima privilegiado. Diante da porta de mais de uma casa de aldeia, palmeiras balouçam suas folhas elegantes e dragoeiros de grossos troncos erguem a copa eriçada de folhagem espessa e hirta; cactos de formas caprichosas, densamente tachonados e ornados de cores brilhantes, saíões agrupados em massiços não menos brilhantemente coloridos ou dispostos em grinaldas, orna-

mentam os mais pobres jardins e cobrem de verdura as sombrias paredes das quintas.

A 3 kilometros, pouco mais ou menos da Horta a costa torce para o norte, e a vegetação toma immediatamente um aspecto mais aspero. O angulo agudo formado pela costa neste ponto acha-se protegido contra a violencia das vagas por um monte volcanico que liga com a terra firme por uma tira de lavas de apenas alguns metros de largo. A rocha que compõe este monticulo é de um branco azulado; divide-se em grossos prismas unidos verticalmente à semelhança da alvenaria de um gigantesco edificio.

A estreita calçada que conduz à sumidade ergue-se a pique de cada lado cerca de 40 metros acima do nivel do mar, e deste modo apresenta uma ladeira tão aspera que experimenta-se necessariamente, a não haver muito habito, certo receio em arrostar a vertigem. Depois de haver atravessado esta ponte, achamo-nos sobre uma lomba em semicirculo, junto à qual se estende do lado do mar uma profunda depressão. Evidentemente ahi existem os restos de uma cratera de que as ondas destinaram a parte mais exposta para os seus assaltos.

A parte do rebordo que existe é nua e esteril. Segundo a tradição, para os fins do seculo 17 os habitantes da aldeia proxima construíram naquella sitio habitações que lhes servissem de refugio quando se desse o caso de serem atacados inopinadamente por piratas algerinos. Muito ha que os Açores nada tem a recear dessas invasões: por tanto poucos são hoje os vestigios das construcções feitas no alto do morro de Castelo Branco.

Vê-se ahi ainda uns restos de calçada e de covas guarnecidas symetricamente, tendo provavelmente servido de cisternas. A parte baixa que corresponde ao fundo da primitiva cratera, é cultivada; mas a compensação do trabalho deve ser assaz fraca, por isso que a colheita é estragada sempre pelos coelhos, que se multiplicam nestas rochas, e que ao menor alarme somem-se nas fendas aonde é impossivel perseguil-os.

De Castelo Branco para diante a costa torna-se cada vez mais alcantilada, e logo que nos aproximamos do logar do Capello, situado na extremidade oeste da ilha, chega a ter 100 metros de altura. O corte no terreno que ahi se vê offerece um bello exemplo da disposição das lavas basalticas.

A encosta, vista de longe, parece composta de uma serie de camadas grossas de pedra escura, que se sobrepõe umas às outras horisontalmente separadas por estreitas fitas de escorias vermelhas.

Cada uma das camadas parece à primeira vista continuar numa extensão de algumas centenas de metros como se a lava que as forma fora entornada em grande toalha na superficie do solo; mas um exame mais detido permite-nos decompor aquellas camadas e reconhecer nellas o resultado da justaposição de uma serie de camadas estreitas. Não é mais que uma estratificação imperfeita bem differente daquella que respeita as rochas sedimentarias. Ao pé desta rocha brota uma agua thermal alcalina e sulphurica como a da Graciosa.

A cumieira que se estende até à ponta occidental da ilha é formada por um renque de cones, alguns dos quaes de massa imponente foram certamente a producção de terribes erupções. A excepção de um só, todos elles existem antes da descoberta do Fayal. A unica erupção que o homem presenciou naquella ilha foi a de 1672, cuja memoria é conservada por um relatorio registado no archivo municipal da cidade da Horta.

Em 12 de Abril de 1672, sentiram-se tremores de terra na parte occidental da ilha, e repetiram-se nos dias seguintes. Tornaram-se tão violentos no dia 15 que os habitantes das aldeas da zona abalada decidiram-se a abandonar as habitações.

A excepção de dous curtos periodos de socego, um na tarde de 19, outro na de 21, a intensidade e a frequencia dos abalos augmentou sem cessar até 24.

Neste dia, finalmente, houve uma explosão, e uma cratera se abriu na aresta comprehendida entre os logares do Capello e da Praia do Norte. Em um momento o ceo foi obscurecido por uma nuvem de cinzas. Nas partes mais distantes da ilha, o sol que brilhara havia poucos minutos antes com todo o seu esplendor, achou-se velado por uma nuvem ferruginosa. Ao longe, a atmospheria é infectada pelo cheiro fetido do hydrogeneo sulphurico. Ao mesmo tempo rebentou um pico de lava em fusão, que desceu correndo para o norte, cobrindo uma extensão de perto de 300 metros. O terror chegou então ao seu maior auge; os habitantes das aldeas circunvisinhas da nova bocca de fogo volcanico apressaram-se em se salvar na extremidade opposta do Fayal, alguns mesmo se refugiaram nas outras ilhas do archipelago. Como quasi sempre acontece nestes casos, assim que se declararam as erupções, os tremores de terra diminuíram de força. Durante os dous dias immediatos à primeira erupção, parecia haver tudo acalmado se de tempo a tempo se não sentissem ainda alguns ligeiros abalos. Subitamente a 27 de Abril os tremores reapareceram mais fortes, as explosões tomaram nova actividade e as lavas correram com redobrada força. Tres ribeiras desceram simultaneamente em direcção ao mar: duas do lado do norte da ilha, a terceira sobre a vertente do sul. Uma chuva de cinzas vermelhas interceptou a claridade do dia e secou as plantas. A 28 distinguem-se nove boccas que lançavam fumo, cinzas e escorias abrasadoras. A principal ribeira chegou à borda da rocha da costa do norte precipitando-se em cascata, formando ao pé da rocha, de cuja altura cahio, um recife pouco elevado acima das vagas. A 30, as lavas abrem nova sahida, e a unica nascente de agua que a ilha possuia naquella região estancou-se. Em fim o ruido subterraneo e os abalos enfraqueceram, e no 1º de maio as explosões e os tremores de terra cessaram de todo. Apenas as cinzas continuaram por algum tempo ainda, e acabam de destruir a vegetação dos campos e das pastagens nas immediações do vulcão.

É notavel que os tremores de terra daquella erupção causassem apenas alguns estragos na parte oriental da ilha, em quanto que destruíram completamente as povoações do lado occidental. Esta differença tão pronunci-

ada nos efeitos dos tremores, é devida certamente na maior parte à constituição da parte central do Fayal. Está ahi por assim dizer o umbigo do systema volcanico da ilha.

Por qualquer lado que se avança para o centro, é preciso trepar encostas íngremes e quando se chega ao ponto culminante, está-se sobre o rebordo de uma caldeira tão notavel pela sua regularidade como pela sua profundidade. Esta caldeira é um vasto barathro circular de 2 kilometros de diametro. A crista que abraça está ao menos a 1.000 metros acima do nivel do mar. O ponto mais elevado e que fica para o lado do ponente está a uma altura de 1.022 metros, e o fundo está a 400 metros abaixo. De todos os lados as paredes interiores são quasi a prumo. Ao oeste e ao sul, imponentes massas de lava trachytica se apresentam divididas em prismas verticaes de cor cinzenta; e em outros pontos camadas de lava azulada allongam-se no meio de destroços volcanicos escoriaceos ou de pedra pomes.

Nascentes limpidas brotam de toda a parte.

A agua pinga de rochedo em rochedo, reúne-se em fios estreitos, que mais abaixo se transformam em cascatas ruidosas. Um formoso euphorbio ("euphorbia mellifera") floresce nas ravinas lado a lado com a apartada ramagem do zimbro. Por toda a parte aonde as raizes das plantas podem entranhar-se nos intersticios da pedra, desenvolve-se uma vigorosa vegetação. A faya, outrora tão commum na ilha que lhe deu seu nome, nasce espontaneamente neste logar, como num ultimo refugio: a queiró, a persea, a murta e sobretudo o feto florescem nesta escavação, aonde encontram um abrigo contra a violencia dos ventos e contra o ardor do sol, ao mesmo tempo que gozam um ar constantemente carregado de humidade. Dous cones de escorias existem na caldeira; um delles mostra-se a descoberto, mas o outro é de tal modo coberto de matto que parece ser um maciço de verdura.

A pedra pomes que cobre o exterior da montanha é facilmente arrebatada pelas aguas, que tem também aberto nella profundos sulcos. Entre estes sulcos ficaram porções proeminentes, especie de encostas salientes, vestidas de uma rede inextricavel de queiró e plantas do matto.

Ao pé dos monticulos do interior da caldeira estende-se um pequeno lago aonde abundam cyprinos. A presença deste peixe, commum nas aguas doces da China, no fundo de uma cratera volcanica dos Açores não se explica senão por uma importação feita intencionalmente. Muitos outros casos de aclimação de especies de animaes de fora vem confirmar de mais a probabilidade desta introdução. O mais antigo escriptor dos Açores, o padre Frutuoso, que vivia no fim do seculo quinze, diz que os primeiros navegantes que aportaram a estas ilhas nenhum quadrupede trouxeram consigo; por consequencia não somente as raças domesticas que aqui se encontram, mas ainda as outras especies de mamiferos são todas de origem exotica. O furão foi importado para a caça dos coelhos, que tinham sido introduzidos procreando com ex-

cesso. A doninha, o morganho, o rato campestre, o rato preto e seu inimigo o rato pardo, foram trasidos por navios. Sabe-se por exemplo a data exacta da chegada deste animal à Terceira. No começo deste seculo, um temporal tendo feito em pedaços um navio mercante no porto de Angra, um bando destes animaes escapou entre os fragmentos e ganhou a cidade a nado, multiplicando-se e afugentando o rato preto para as povoações mais afastadas da ilha. O morcego, principalmente em San Miguel, pertence a uma especie numerosa na Belgica e na Hollanda. Ora, quando se sabe que um consideravel numero dos primeiros colonos dos Açores vieram de Flandres, não é para admirar que o unico "cheiroptère" destas ilhas se assemelhe aos individuos de uma especie flamenga. Tentou-se, ineficazmente, haverá 40 annos, a aclimação do dromedario: experimentou-se mesmo por curiosidade o lobo. O facto mais authentico de todos é o da introdução da rã.

Em 1820, um rico proprietário de San Miguel lançou numa lagoa da sua ilha algumas rãs vindas de Lisboa. Desde então esses batracios tem multiplicado extraordinariamente, e de tarde ensurdecem com seu granar as margens pouco antes silenciosas das ribeiras e quaesquer porções de agua.

Não existe nos Açores nem kagados, nem cobras, nem viboras, nem serpente de qualidade alguma. Estes repteis são apenas representados na Graciosa por um pequeno lagarto que apparece nas visinhanças das habitações. Este lagarto ("laertus Dugesii") pertence a uma especie da Madeira. H. Drouet, que primeiramente em 1860 chamou a atenção dos naturalistas para este insecto, parece consideral-o muito raro então na Graciosa; mas neste anno de 1872, pude verificar que elle era extremamente abundante naquella mesma localidade o que parece provar que se multiplicou rapidamente, e que provavelmente fora de recente introducção na occasião em que foi notado pelo nosso compatriota. O sapo foi, ha poucos annos importado da America; contudo esta singular tentativa de naturalisação não vingou; não obstante a benignidade e humidade do clima, o novo hospede brevemente desapareceu.

Alem do cyprino, o unico peixe de agua doce conhecido nos Açores é a enguia commum nas nossas ribeiras de França. Não se encontra nunca nas lagoas - vive unicamente nas aguas correntes; o sabio zoologista Morelet é levado a consideral-a indigena em rasão das condições especialissimas em que se acha. Notam-se quedas de agua de 30 metros de altura em muitas das ribeiras que ella habita; existe mesmo em San Miguel uma pequena ribeira, à Gorriana, aonde se encontram differentes individuos desta especie, devendo notar-se que forma um salto de perto de 100 metros entre os logares da Maia e Porto Formoso, e que secca no verão. Não se pode rasoavelmente suppor que esta especie se propague de umas a outras ribeiras transpondo por mar o espaço que as separa, e em remontar cascatas de tanta altura; de outro lado Morelet não quer admittir que existisse nos Açores um amator de piscicultura tão apaixonado que fos-

se levar a enguia à parte superior das principaes correntes de aguas do archipelago. A idea de multiplicar um peixe de agua doce, diz elle, pareceria sem dúvida aos açoreanos, muito esquesita. Esta hypothese não nos parece, porem, muito verosimil; quando pensamos nos esforços perseverantes dos açorianos em dotar o seu paiz do que pode enriquecel-o em producções animaes e vegetaes. Pode-se pois considerar tanto a enguia como o cyprino (peixe dourado) como peixes exóticos trasidos e acclimatados presentemente nas aguas doces do archipelago.

Os ensaios de acclimação tentados nos Açores teem recahido de preferencia nas plantas. Os ingleses e os americanos que são numerosos no Fayal, teem contribuido bastante para propagar o gosto pela horticultura. Um cidadão americano que, sob o nome de Dabney, ha quarenta annos exerce as frncções de Consul dos Estados Unidos no Fayal, é a quem sobretudo se deve este melhoramento. Este homem distincto descendente da familia francesa de Aubigné, tem impresso em tudo que dirige o sello do espirito emprehendedor e vigoroso do velho sangue huguenote que lhe corre nas veias. Os grandes estabelecimentos commerciaes do Fayal são obra sua. Fundára elle afortunadamente um commercio reciproco regular entre os Açores e o continente americano, e fez da sua ilha uma especie de porto franco para os navios de todas as nações que sulcam estas paragens do Atlântico. Em fim, sem se descuidar do futuro reservado à botanica, transformou campos apenas roteados em esplendidos jardins, que constituem hoje o mais bello ornamento da cidade da Horta. Sua profissão commercial chamava-o frequentemente à America e à Europa, e em cada viagem jamais elle deixava de trazer sementes, estacas ou arbustos. Muitos arbustos plantados por elle fizeram-se já árvores grandes, monumentos vivos destinados a perpetuarem a memoria deste homem de bem. Uma araucaria excelsa que elle trouxe de Boston haverá quarenta e quatro annos num pequeno vaso de barro é hoje uma arvore magnifica que se ergue a quarenta metros de altura. Esta araucaria é, no archipelago açoriano, a primeira que tem fructificado. Em 1867, quando fiz a minha primeira viagem ao Fayal, estava-se ainda na persuasão que esta arvore só se reproduzia de estaca no clima dos Açores; mas depois de então e por differentes vezes manifestou-se a germinação das sementes cahidas ao pé da arvore. Ultimamente, tenho visto à sombra de seus ramos uma quantidade de pequenas plantas frageis e rachiticas, destinadas um dia a possuirem o talhe e a folhagem do gigantesco vegetal.

Outras arvores, de proveniencias as mais diversas florescem lado a lado, e rivalisam em viço e força. O carvalho, a faia, o alamo, a tilia e outras arvores florestaes da Europa medram entre seus numerosos congeneres importados das mattas americanas.

Uma mesma quinta encerra a um tempo as cryptomerias do Japão, as acacias da Australia, as proteaceas do cabo da Boa Esperança, as tulipeiras da Virginia, o "taxodium" das margens do Mississipi, as palmeiras africa-

nas, as aralias da China, o palissandro, a eugenia do Brazil, a anona das Antilhas, o pinheiro do Hymalaia, o cedro do Libano: é a mesma variedade nos arbustos e nas plantas herbaceas que mais realça estes logares encantadores. As paredes destes recintos desaparecem debaixo de uma massa de grinaldas de verdura e de flores.

As encarnadas corollas da bigonia, os cachos azues das glycinas misturam-se com as flores amarellas do "Stigmophyllum ciliare" e com as largas folhas recortadas do "diplodoenia splendens". Esta luxuriante vegetação é distribuida com tanto gosto e arte que parece ser espontanea; carece-se de um esforço de reflexão para nos convenceremos do cuidado que foi preciso empregar e da consideravel despeza feita em obter semelhante resultado.

Não obstante o character laborioso e intelligente da população do Fayal, nenhuma industria importante se tem estabelecido até hoje na ilha. As materias primas vem do estrangeiro. Ha falta de combustivel. A unica corrente de agua susceptivel de imprimir uma força motriz proveitosa é de todo desprezada; secca quasi de todo de verão, e no inverno transforma-se numa torrente impetuosa.

Algumas empresas que pareciam ter seus visos de bom resultado nada tem conseguido.

Tem-se ensaiado uma paderia na Horta que fornecesse pão de melhor qualidade do que a que se come naquella cidade mas não pode arrastar a indifferença ou talvez o gosto inveterado da população. Importou-se e estabeleceu-se uma machina para a fabricação de pregos de que se faz consideravel consumo para as caixas empregadas na exportação de laranja. Os direitos aduaneiros sendo pesados, parecia garantir uma protecção efficaz a esta fabrica; mas não se teve em vista o contrabando e em pouco tempo o fabricante teve de reconhecer a impossibilidade de concorrer com as fabricas americanas que achavam meios de introduzir seus productos subtraíndo-os ao pagamento de direitos.

Existem, comtudo, no Fayal algumas pequenas industrias que attestam o merecimento daqueles que as exercem. As mulheres fazem com o fio da piteira rendas extremamente finas, e meias de algodão de ponto aberto que já mereceram premio na exposição de 1867. Por alguns annos estas meias gozaram nome nos Estados Unidos mas lá como em outras partes as modas variam, e hoje as que as faziam estão em descanso. Um outro genero de trabalho privativo do Fayal, é o fabrico de pequenas obras de miolo de figueira. Este material, alvo de neve, é susceptivel de tomar as formas mais variadas; fazem delle ramalhetes de inimitavel delicadeza, figuras em relevo que representam animaes, plantas, navios, allegorias diversas. Os que trabalham nestes artefactos são verdadeiramente artistas. Dous de entre elles manipularam à minha vista alguns objectos, e fiquei bastante admirado de seu bom gosto e mais ainda da sua facilidade de execução. Com uma simples navalha de barba, dão ao miolo de figueira aquella elegancia de formas que constituem o merecimento do marmore de Carrara: tão fi-

nas são as laminas que delle cortam que seu trabalho faria enveja ao mais exercitado micrographo. As obras de vime do Fayal merecem igualmente particular menção. Fornecem ao commercio cestinhas delicadamente entrançadas e listradas de vermelho.

Nas outras ilhas do archipelago dos Açores, industria alguma local merece citação, a não serem as flores artificiaes e os doces, que se fazem nos conventos da Terceira, e umas colchas que fabricam principalmente no Pico e nas Flores.

Estas colchas são feitas de uma grande peça de pano branco na qual se passam perpendicularmente uns aos outros, fios de lã de varias cores, de modo a imitar um xadrez matisado, aonde cada compartimento mesmo é dividido, em pequenos rectangulos de duas ou tres diferentes cores.

Fayal possui no fundo da bahia da Horta um pequeno forte cujo canhão teve jamais um emprego bellicoso; serve para corresponder às salvas dos navios de guerra, a commemorar as festas nacionaes e os anniversarios religiosos. A milicia pouco numerosa de que se compõe a guarnição apenas presta serviço quando um navio de guerra estrangeiro vem estacionar-se na bahia e que ranchos de marinheiros vem a terra gosar algumas horas de liberdade. Então é às vezes uma ardua tarefa manter a ordem nas ruas ordinariamente tão socegadas da Horta;

o sangue tem chegado a correr nestas occasiões, sendo a tranquillidade publica restabelecida tão somente pela energica intervenção da força armada. Taes desordens são felizmente mui raras; ainda assim os marinheiros de todas as nações encontram geralmente um benevolo acolhimento no Fayal. Confessemos porém que durante a nossa deploravel guerra com a Prussia, as sympathias do publico fayalense não eram todas pela França; a absurda declaração de guerra nos alienara as graças de muitos. Formaram-se dous partidos na cidade da Horta. A presença de um navio de guerra Prussiano bloqueado nas aguas dos Açores por uma fragata franceza augmentava ainda mais a divisão e tornava as discussões mais acaloradas. As proprias meninas, tomavam a parte de uma ou outra das duas nações, traziam nos bailes na sua toilette, pequenas bandeiras com as cores do paiz que lhes merecia sympathia. Comtudo as duras condições que nos foram impostas no fim da lucta e sobretudo a anexação violenta de nossos patricios da Alsacia e Lorena abriram em fim os olhos daquelles que nutriam as mais fortes prevenções contra nós e os congraçou connosco. Não ha presentemente açoriano que não deseje sinceramente a libertação da França e o restabelecimento da sua prosperidade.

(CONTINUA NO PROXIMO NÚMERO)

ALGAR DO CARVÃO

1995

HORARIO DE ABERTURA ORDINARIA (14H45/17H15):

Mês de ABRIL ----- Dias 15, 16, 23 e 30;

Mês de MAIO ----- Dias 1, 7, 14, 21 e 28;

Mês de JUNHO ----- Dias 3, 4, 10, 11, 15 e restantes;

Meses de JULHO/AGOSTO/SETEMBRO ----- TODOS OS DIAS

Mês de OUTUBRO ----- Dias 1, 5, 7, 8, 14, 15, 21, 22, 28 e 29;

Mês de DEZEMBRO ----- Dia 31 (e dia 1 de Janeiro de 1996)

As aberturas de Abril e Maio estão condicionadas a eventuais trabalhos de beheficiação das infraestruturas do Algar.

RECORTES DO ALBUM

"CORREIO DOS AÇORES" - 13/NOVEMBRO/1970

Malvadez na Terceira...

O "ALGAR DO CARVÃO"

foi objecto de um acto de vandalismo

O Algar do Carvão, na Terceira, uma das mais belas grutas naturais do arquipélago e sem dúvida a mais conhecida das ilhas, sobretudo depois que a Sociedade Espeleológica «Os Montanheiros» abnegadamente se devotou à sua total exploração, tornando-o ponto de visita obrigatória a quem demandasse a ilha de Jesus com intuíto turístico.

Allás, dentro do «Plano Regional» o Algar do Carvão ocupava lugar preponderante no capítulo do desenvolvimento turístico da Terceira, o que se justificava inteiramente dado o grande interesse espeleológico daquela gruta natural.

De resto, devido à tarefa meritória e desinteressada dos «Monta-

nheiros», o Algar do Carvão encontrava-se já em condições de, com um pequeno dispêndio das entidades públicas, se tornar uma atracção turística de primeira ordem, pois aquela benemérita sociedade, através dos seus sócios, realizou ali trabalhos que se houvessem de ser remunerados ascenderiam a alguns centos de contos.

Não admira, pois, que o Algar do Carvão fosse para os terceirenses—e de um modo especial para «Os Montanheiros»—motivo de legítimo orgulho e objecto de desvelado interesse.

Dai a natural surpresa e justa indignação que ressoa das notícias publicadas pela Imprensa de An-

gra sobre um acto do mais torpe vandalismo perpetrado naquele Algar.

Com efeito alguém atirou toneladas—o que faz supor acção criminosa—de pedregulhos pela cratera do algar, fazendo derruir a escada de acesso à gruta e, ao que parece, danificando irremediavelmente, pelo menos por muito tempo, o acesso àquele ponto de interesse turístico.

O caso foi entregue ao poder judicial que certamente, após as necessárias investigações, saberá encontrar os culpados e aplicar-lhes o necessário castigo, pois o delito ali perpetrado, sem aproveitar a ninguém, nem sequer aos seus autores, lesou toda a colectividade, pon-do em xeque legítimas aspirações dos terceirenses em matéria de turismo.

"A UNIÃO" - 23/NOVEMBRO/1970

As actividades de Os Montanheiros

vistas pelo sr. ten.-cor.
José Agostinho

Porque constitui um testemunho indelével de quanto é útil a actividade da única Sociedade Espeleológica açoriana e do grave prejuízo que representa para a Família terceirense e para o público em geral, mais do que para «Os Montanheiros», a destruição da escada de acesso ao Algar do Carvão, não resistimos à tentação de dar à publicidade a carta que o Ilustre terceirense Sr. Tenente-Coronel José Agostinho endereçou àquela prestimosa Colectividade e que é do seguinte teor:

J. AGOSTINHO

CAIXA POSTAL, 17

ANGRA DO HEROÍSMO
AÇORES

13 de Novembro de 1970

Exmo Senhor Presidente da Direcção
da Sociedade Espeleológica "Os Montanheiros"

Agradeço, muito perturbado,
o telegrama que me foi enviado
por motivo da destruição que me
comprou a Causa Municipal da
nossa Cidade.

Apresento a apurabilidade
para felicitar a Sociedade, a que
tenho tanta honra em pertencer,
pelas valiosas descobertas feitas

aqui e em outras ilhas. E acide
para significar toda a minha
reputação pelo repugnante e criminoso
atentado torpemente perpetrado
contra o vosso maravilhoso trabalho
no Algar do Carvão, tendo a esperança
de que vireis a obter os
meios de remediar este malefício,
restituindo aos interessados, e
em especial aos vulcanologistas
que nos visitam, a faculdade
de examinar um interessantíssimo
troço da chaminé de um vulcão.

Com os meus cumprimentos
e reiterados votos pelos êxitos da
vossa Sociedade

Mt. At. V. or e Amigo

pm. Agostinho

«Ex.mo Senhor Presidente
da Direcção da Sociedade
Espeleológica
«Os Montanheiros»

Agradeço, muito penhora-
do, o telegrama que me foi
enviado por motivo da dis-
tincção que me conferiu a
Câmara Municipal da nossa
Cidade.

Aproveito a oportunidade
para felicitar a Sociedade,
a que tenho tanta honra em
pertencer, pelas últimas des-
cobertas feitas aqui e em
outras ilhas. E ainda para
significar toda a minha re-
pulsão pelo repugnante e cri-
minoso atentado torpemen-
te perpetrado contra o vos-
so maravilhoso trabalho no
Algar do Carvão, tendo a
esperança de que vireis a
obter os meios de remediar
este malefício, restituindo
aos interessados, e em es-
pecial aos vulcanologistas
que nos visitam, a faculda-
de de examinar um interes-
santíssimo troço da chami-
né de um vulcão.

Com os meus cumprimen-
tos e reiterados votos pelos
êxitos da vossa Sociedade

Mt. At. V. or e Amigo

(a) José Agostinho

Os Montanheiros comemoram o 7.º anivers- ário da sua fundação e pensam reconstruir a escada de acesso ao Algar do Carvão

Os Montanheiros celebra-
ram mais um ano de vida.
O sétimo. Muito e pouco.
Muito, no rol das realiza-
ções efectuadas com o inter-
esse de servir. Pouco, no
calendário do Tempo. Sete
anos de vida desta Socieda-
de constituem um período
de actividade que se esten-
deu a todos os sectores da
vida terceirense, projectan-
do-se em todo o arquipéla-
go como um fulcro lumino-
so de trabalho e de interes-
se. Isto de trabalhar para
os outros é um privilégio
das almas generosas. A ge-
nerosidade está em crise!

Os Montanheiros, mesmo
na crise que atravessamos,
prosseguem no seu caminho
de realizar. E nem mesmo
com a afronta de que última-
mente foi alvo, cujo autor,
ou autores, seria talvez lici-
to dar a conhecer, locali-
zada na destruição da es-
cada de acesso ao Algar
do Carvão, o maior prémio
para tanta dedicação, eles
se sentem diminuídos na
vontade de continuar. Honra
lhes seja feita, para honra
de nós todos. Porque «Os
Montanheiros» deixaram de
ser uma Sociedade privada,
no sentido limitado do seu

edifício de sede, para se re-
velarem um elemento de
prestígio regional. A sua
projectação é de interesse pú-
blico. Os Montanheiros me-
recem a gratidão pública.
Aqui a consignamos, sem
reservas nem preconceitos.
Valor ao valor, e nada mais.

Na sessão comemorativa
de mais um aniversário,
realizada na sala principal
da sede social, ali na Rua de
S. João, usou da palavra o
dr. Adérito de Medeiros
Freitas, precedido do presi-
dente da Assembleia Geral
sr. Guilherme Albano Ávila,
que fez a apresentação do
conferente.

Trabalho que englobou
diversos aspectos da vulca-
nologia, veio localizar-se nos
Açores e na obra efectua-
da pelos Montanheiros, re-
velando ao mesmo tempo

um especial sentido das
actividades vulcanológicas
registadas nestas ilhas e
das possibilidades de êxito
nos esforços dispendidos
pela Sociedade Espeleológi-
ca da Rua de S. João.

Foi mais um motivo de
apreço para as realizações
que «Os Montanheiros» ge-
nerosamente tiveram por
bem brindar a terra tercei-
rense. Congratulamo-nos to-
dos pela existência desta
prestimosa Sociedade, que
trabalha em proveito da co-
lectividade.

Que prossigam «Os Mon-
tanheiros» na sua acção
realizadora, porque já se
creditou merecedora de to-
do o nosso reconhecimento.
Aqui o consignamos, com
votos de continuidade de
servir a Terra e a Gente,
agora diante da obra des-
truída e que será recons-
truída de forma a demons-
trar o querer de quem sabe
o que quer e para onde
vai.

"A UNIÃO" - 5/DEZEMBRO/1970

ULTIMO PINGO



INSTINTO DE MAL FAZER...

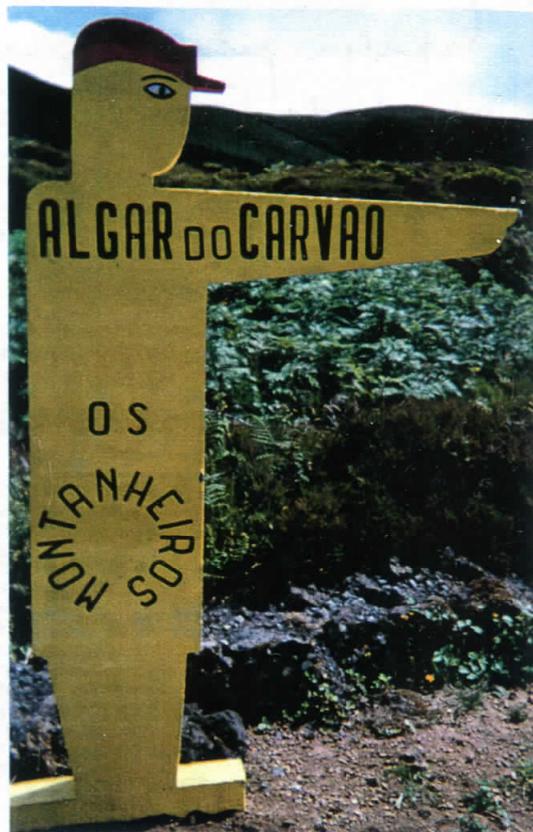
A fim de se prestar ao público, sobretudo àquele que nos visita pela 1ª vez, informação o mais exacta possível sobre a localização do Algar do Carvão, "Os Montanheiros" tomaram a iniciativa de o sinalizar convenientemente, em alguns locais das estradas do interior da ilha Terceira.

Um boneco de cimento "vestido" de amarelo e de "boné" encarnado, foi a figura encontrada para se alcançar o objectivo pretendido. (Foto ao lado)

Um desses "montanheiros" está localizado no cruzamento da Estrada do Cabrito com a do Golfe.

Alguém entendeu que o mesmo, embora queto e mudo, estava a mais naquele sítio e...zás...chão com ele! Como não é crível que algum touro investisse contra o "boné", só pode ter sido obra "humana"...

Lá se deu um pequeno arranjo, procurando manter o "homem" de pé, mas o equilíbrio é precário, pois são evidentes os danos provocados, como se pode ver na foto abaixo ("dedos" partidos, "cara" esfolada e "tornozelos" quebrados!)



PINGO DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE "OS MONTANHEIROS"

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO – Rua da Rocha, 6/8

9700 ANGRA DO HEROÍSMO – TERCEIRA/AÇORES

TELEFONE 22992

— DISTRIBUIÇÃO GRATUITA —

